

Vicente de Paula da Silva Martins

# Meu vô é mesmo um grande sábio

Prosa Poética

# **MEU VÔ É MESMO UM GRANDE SÁBIO**

**Prosa poética**



**Pedro & João**  
editores



VICENTE DE PAULA DA SILVA MARTINS

**MEU VÔ É MESMO  
UM GRANDE SÁBIO**

Prosa poética



Pedro & João  
editores

**Copyright © Vicente de Paula da Silva Martins**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

---

Vicente de Paula da Silva Martins

**Meu vô é mesmo um grande sábio: prosa poética.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 179p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-65-265-0393-5 [Impresso]**  
**978-65-265-0414-7 [Digital]**

1. Prosa poética. 2. Literatura brasileira. 3. Crônicas. I. Título.

CDD – 800

---

**Capa:** Petricor Design

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2023

## PREFÁCIO

Uma palavra de abraço desde o Sítio.

Vendo um livro nascendo. Vi esse livro nascendo. Gosto muito de publicar livros... Pela Editora acabo me envolvendo na publicação de dezenas, centenas, de fato milhares de livros nesses anos de trabalho. Vi esse livro nascendo...

Conheci Vicente não sei quando... também não sei por quê. Sei lá. Tinha um destino nos colocando em contato... acho que por conta do trabalho acadêmico. Mas logo caímos fora desse espaço, e andamos por outras estradas... acabamos escrevendo ainda um artigo em conjunto, e publicamos em um dos livros do meu grupo de estudos e pesquisas. Falamos bem mal do Bozogântua e sua turma cavernosa. E depois fomos trocando conversas, prosas soltas, cumprimentos de bom dia, fotos de coisas, e fomos conversando mais e mais.

E foi assim que vi os escritos nascentes desse livro. Dia sim e outro dia também lá eu recebia e lia com rapidez as histórias do Vô Ciriaco, quase meu vô postiço, nas lonjuras do Sítio das Telhas. Ria quase sempre... me emocionava demais... parava em alguma expressão bem construída, com as palavras provocantes e adequadas, e fui compreendendo como a literatura tem força pra deslocar e alterar o coração da gente.

Te agradeço e te cumprimento, Vicente. Já nos consideramos os amigos mais antigos um do outro. E os mais íntimos. Ver um livro ir nascendo não é vivência que se divide com qualquer um. Ainda bem que me tiraste desse lugar do qualquer um e agora posso te dar um abraço forte, e esperar que me invites pra ir sempre que quiser ao Sítio do Vô, onde nos contaremos prosas da vida, tentando

entender sobre a amizade, o amor... e entender por que  
coube a nós dois essa relação tão profunda e tão  
necessária.

Um abraço forte, amoroso,  
do Miotello.

## SUMÁRIO

<b>1ª PARTE - Os sacrossantos preceitos do vô</b>	<b>13</b>
Abaruna	14
Caramujo	15
Mal-caduco	16
Mistura	17
Pés inchados	18
Voengo	19
Carvoeiro	20
Chapéu	21
Cusparada	22
Desarrimo	23
Foice	24
Silva	25
Dente queiro	26
Homizo	27
Espirro	28
Deosa caipora	29
Cabra	30
Em boa hora	31
Incêndio	31
Cárcere	33
Grisalhos	34
Quiquiqui	35
Redonda	36
Sumiço	37
Zoar	38
Filho único	39
Telheiro	40
Sinhazinha	41
Amor	42
Beijo	43
Bicho do mato	44



Estruição	45
Geometria	46
Hebetude	47
Mágoa	48
Saudade	49
Silêncio	50
Solitário	51
Verruga	52
Abecê	53
Batatinha	54
Bumba-meu boi	55
Carochinha	56
Catecismo	57
Cruzeiros	58
Kichute	59
Leitura	60
Menineiro	61
Padre-nosso	62
Pecado	63
Rebojo	64
<b>2ª PARTE - Saudades do sítio a' sênu</b>	<b>65</b>
Aceno	66
Urtigas-bravas	67
Açuda	68
Minhas vacas	69
Baladeira	70
Brejo	71
Cafarnaú	72
Carnaúba	73
Carrapichos	74
Carvão	75
Cedrinho de açúcar	76
Chuva	77
Cinzento	78
Cordão	79

Demolição	80
Flores	81
Lodo	82
Dilúvio	83
O sítio	84
Goteira	85
Descertidão	86
Abscesso	88
Anacoreta	89
Antes da morte	90
Desvario	91
Enviesado	92
Imbróglio	93
Dissabor	94
Poça	95
Saudade	96
Lápide	97
Ubiraquá	98
Espigas	99
Melancia	100
Sabugos	101
Toucinho	102
Descomer	103
Pôr do sol	104
Pureza	105
Quartinhas	106
Riacho carnaúba	106
Riacho do mosquito	108
Sertão	109
<b>3ª PARTE - As grasnadas dos bichos</b>	111
A festa	112
Argueiro	113
Caíporas	114
Caiporice	115
Ciriaco	116

Esconderijo	116
Filho de caipora	118
Inominados	119
Telha de aranha	120
Incredibile dictu	121
Urubus	122
Acasalamento	123
Coaxo	124
De cócoras	125
Golias	126
Rãs, sapos e pererecas	127
Sim-senhor	128
Titãs	129
Parição	130
Estio	131
Cascáveis	132
Moscas	133
Alazão	134
Besouro	135
Curimatãs	136
Papa-arroz	137
Canguçu	138
Tatupeba	139
Olvido	140
<b>4ª PARTE – Os dias passam....</b>	141
Ignomínia	142
Semimorto	143
Em brancas nuvens	144
Ave de rapina	145
Totem	146
Amor sem tempo	147
Jejum	148
De tua imagem	149
Dentro de mim	150
Banzo	151

Olvidar	152
Lástima	153
Ausência	154
Urano	155
Neblina	156
Silêncio	157
Confissão de vô	158
Queda	159
Retirante	160
Desorgulho	161
Ignominioso	162
Alagado	163
Corpo nu	164
Antônimos	165
Feridas	166
Calhau	167
Lagartixa	168
Lavradio	169
Esmeril	170
Cabisbaixo	171
Soçobro	172
Quase	173
Afogado	174
Choro	175
Sangue escuro	176
Sombras	177
SOBRE O AUTOR	179



## 1ª PARTE

### Os sacrossantos preceitos do vô

“De que serviram — dizia eu — os sacrossantos preceitos de austeridade moral infundidos no meu espirito pela paterna educação, alimentados pela indole atávica do meu character, e desenvolvidos pelo constante exemplo dos meus consaguineos, aos quaes sempre entoei na sinceridade da consciência os mais solemnes cânticos de gratidão? De que me serviram as idealisações com as quaes durante horas, dias e mezes envolvi, como em um perfumoso e infallível preservador, aquellas ti es creaturas mortaes illuminadas pelo meu intellecte, e transfiguradas na exaltação dos meus sonhos? Lançando o gelo da meditação no brazeiro da volúpia ateadá á minha substancia pela mão provocadora da belleza, eu desertei o templo da vida e corri atraz de um phantasma que teria gerado o riso nos lábios de qualquer outro homem.” (Pedro Américo, **Na cidade eterna**, 1901, p.243)

## ABARUNA

Sou neto de siri'akú, carvoeiro e telheiro. Vô ko'pija era homem preto, baixo, valente, forte, homem de creças e pýmçipyos, um verdadeiro abaruna, que servia ao Deos dos brancos. Um grito do vô siri'akú era um bramido de animal feroz, de gamo de coração negro; uma trovada advinda de sua cólera era carregada de negros trovões, e acenava privativamente ao Deos Poderoso. Um dia meu vô siri'akú gritou com minha mãe pe'drĩna e a lenha branca de cuja espécie não me alembro, em sua mão preta, foi um açoite que perdeu a cor nas costas de minha mãe, e, naquela tarde de dor, eu quis apenas ser carvão. Naquela tarde de tresteza, pedi ao Deos do vô siri'akú que arrancasse o riacho do sítio a'sênv! Com o passar dos anos, fiz-me lenha resinosa, daquela que dá um negro pálido na terra apurada. Minha alma, hoje, é a mesma da minha mãe pe'drĩna: um álamo negro, com sementes diminutas, uma madrepérola.

## CARAMUJO

Vô si'riakú era um caramujo. Sim, caramujo. Difícil explicar, mas vô si'riakú era mesmo um caramujo. Foi um aruá-do-mato que me revelou tudo. Vô si'riakú tinha feições grosseiras, próprias dos caramujos africanos. Seu nome era o mesmo do si'riakú de Roma, perseguido e morto por dzioklesi'ñu, mas sua sãtidade era a mesma dos caramujos ferozes. Impressionavam-me suas rugas da frente e seu rosto respirava a melancholía feroz de um temibilíssimo caramujo. Tinha, ao lado de minha vó brazi'liña, sussurro dos caramujos. Seu coração era uma concha enorme, cheia de sombra e silencio. Os olhos do vô si'riakú eram os de uma giboya, digo, jiboia, mas com a contração de caramujo. À noite, bem antes de dormir como uma pedra, vô si'riakú ronquejava como os caramujos. Assim, passei minha infância aprendendo muito sobre lombrigas, lesmas, minhocas, aranhas, escorpyoms, mosquas, uma zoologia infernal de neto de caramujo.



## MAL-CADUCO

A vida dura no sítio a' sêno calejou o coração do meu vô siri'aku. Um dia, no final da tarde, depois de sua lida, cansado, vô siri'aku puxou uma cadeeira e se sentou bem na frente da casa. Começou a se maldizer: minha vida é muito sofrida, trabalho muito, sol a pino, e os poucos ganhos não dão para comprar alparcata, alpargata, alpergata, apragata, paragata, parcata, pracata, pragata e repetia sua privação *ad infinitum*. Maldizia os políticos, maldizia da sorte, e dizia que seria melhor ser logo cangaceiro, malfeitor do bando de lëpi'ẽw e fazer justyça. Nunca, porém, havia falado de morte e naquela tarde começou a prequejar contra o mundo e anunciou como deveria ser seus funerais: quando eu morrer, deixa meu corpo caído no quintays de casa para atrair os orubùs, deixem meu corpo apodrecer o ar e deixa meu pasamento ser o dia do aballo do a' sêno. Ouvia tudo isso e imaginava, como numa grande tela de cinematographo, grandes larvas de insetos, formigas e *mosquas*, devorando vorazmente o corpo cāsado do meu vô siri'aku. De repente, meu vô siri'aku olhava fixo para o lado, depois para cima, suas pálpebras ficavam puxadas para trás e suas pupilas ficavam dilatadas. Desmaiava. Segurava suas mãos, tão calejadas, e dizia assim: “Calma, vô siri'aku, que é isso, o sêhor é meu auolo, auóó, auoo, avoo, abõo, auuo...” Ouvia-se um grito de dor da minha vó brezi'tine, ao qual se seguia a lei do silêncio, çellenço, silentio, sillencio...

## MISTURA

Na capella da Telha, ninguém na casa do vô era famulento, todo mundo tinha o de-comer. Meu vô sirí'aku era homem respeitado, temido por tudo que era capitão do mato, exímio lavrador e o maior carvoeiro e telheiro da redondeza. Meu vô, de sobrenome 'siuva, era da raça afuleimada dos “ko'pĩna”, e tinha a missão na Terra de ser missionário d'As Missões, sabia pregar 1º Pedro do capítulo 5 em diante, sabia como admoestar as almas, era homem para prover o de-comer da família grande com ar-ruzz, banana-timbó, feijão verde, millo, e só, nada de mistura; assim, comer bicho do mato, não senhor, comer isso não, meu vô sirí'aku dizia que comer bicho do mato era pra capitão do mato esfomeado. Então, minha vó brazi'ĩna e minha mãe pe'dfina caçavam, no mato, prehá. Meu vô sirí'aku não comia roedor mesmo que fosse do mato, e andava com peixeira de umas oito polegadas nos quartos pra tratar piháus e kurima'taS, mas eu só via o vô sirí'aku triturar tambaqui com os dentes afiados e depois lançava no ar o cuspo esfumado, em volumosa cusparada, no rumo da venta, a uns dois metros da cozinha para o terreyro. Minhas tias, a pobre e a rica, não comiam carnes, só ar-ruzz escoteiro. Eu, sempre enfastiado, aqui e acolá, comia ar-ruzz, feijão e farynna e minha vó brazi'ĩna, temendo que eu amofinasse, me alimentava com as histórias de Trancoso, enchia meu bucho da alma com as mais deliciosas e horripilantes histórias de bicho de sete cabeças, curupira e caipora.

## PÉS INCHADOS

Vô si'riakú não sabia ler nem escrever sem *psellismo*, cõ tudo, desde cedo, descobriu o instinto de olhar para os pés. Com o passar dos anos, com os pés inchados, não podia quase andar, se arrastava, e gemia. Não demorou a ter frequentes vômitos, a sentir cada vez mais os pés inchados, e passou a vociferar com ciúmes de minha vó brazi'liña, dirigindo-lhe ofensas graves aos gritos. Ofendida, pesava em minha vó brazi'liña uma tristeza calma. Antes de morrer, vô si'riakú já não falava com minha vó brazi'liña, ficou um tanto mal disposto para olhar o mundo ao seu redor e com os pés ainda mais inchados, com a barriga também inchada, já não ia mais para a roçado, perdeu a graça de contar causos com caiporas e como católico praticante perdeu inteiramente o fervor para a conversão dos gentios. Vô si'riakú mudou munto. Bastava observar-lhe os pés inchados e os olhos rouxos. Da minha parte, já não lhe beijava as mãos moluscas e sujas.

## VOENGO

Vô siri'aku além de carvoeiro e telheiro, fazia as vezes de tropeiro, sabia como ninguém conduzir as bestas de carga do Sítio a'sêno para a sede da Telha. O nome siri'aku era de santo. O nome do vô siri'aku encerrava nosso destino, morte e vida ciriacana. No alvorecer, vô siri'aku ia para o roçado cantando; mas, ao entardecer, voltava estranhamente silencioso, e o pouco que balbuciava era a de uma voz áspera e forte, a voz da cantiga rude, a voz que quebrava o silencio da noite. A voz grossa do vô siri'aku assustava rãs, cobras e lagartos do Sitio a'sênũ, me fazia fechar os olhos e seus commandos eram respondidos subservientemente por todos da casa. A voz quigilenta do vô siri'aku rebentava o centro da terra, e a mãe pe'drĩna tremia muito e a nẽbrãça de sua aflição, o sobressalto da minha mãe pe'drĩna, é-me agora o indizível. A voz do vô sufocava o peito da menina da vazante, tropel de angústias, sempre com lábios trêmulos, voz fraca e balbuciante. Será que a voz do vô siri'aku era asse mõesmo tão forte, tão cruevil, assim como a voz de Josué que fez parar o sol sobre Gibeão e a lua sobre o valle d'Avalon?

## CARVOEIRO

Meus avós, por parte da minha mãe pe'drĩna, nasceram com as artes: minha vó brazieriã era uma admirável parteira e me abraçou desde cedo. Meu vó si'riakũ, carvoeiro e, nunca me abraçou, mas se dedicou a arte de fazer carvon de madeira. Minha mãe pe'drĩna, desde criança, uma respeitada lavadeira e, tã bẽ, roceira por stipulaçon do meu vó si'riakũ. Meu tio 'nẽu, borboró, dizia-se boieiro (ora deixa de estucia, 'nẽu!) e meu tio vi'sentĩ, no sítio a'sẽu, um bem-afamado toureiro. A arte de fazer carvon, desde cedo, fascinou-me: um pedaço de madeira abrasada, e logo, em seguida, abafada pelas mãos esquálidas do meu vô. Mas era muita lenha para pouco carvon. Era muito calor e tãobem muito vapor. E, no final do trebelho, meu vó si'riakũ, tão cansado, praticamente ficava reduzido a cinzas. Vez por outra surgia o bom carvon, mas aumentavam, outrrosy, as tosses do vô si'riakũ. Era tanto vapor pernicioso espalhado no sítio que sufocava todos caaporas e animais roceiros. Apesar da fumaça maligna, encantava-me o sãos das madeiras secas e saber, no final do dija, que não éramos lenhas, não éramos prantas, estávamos, no sítio a'sẽu, separados da queima das madeyras, pelo ar, pela água e pelo lar.

## CHAPÉU

Vô siri'aku tinha um chapéu de palla. Grande e impalpável. Avarícia ciríaca, ao certo. Foi minha vô brēzi'tine quem trançou as pallas. O chapéu de palla do vô siri'aku ficava ssēpre sobre o banco de madeira sem encosto. O chapéu de palla tapava a cabeça miúda do vô siri'aku. A barba do vô siri'aku era rala e o chapéu de palha na sua cabeça miúda lhe ocultava parte dela. Às vezes, o chapéu de palha do vô siri'aku era puxado para cima dos olhos miúdos para resguardar-lhe do sol escaldante do Sítio a'sēno. Um dia, tardezinha, zéfiro chegou e no rebojo devastador, assim como num rremuno endemoniado, sim, um rremuño endemoninhado, um remuinho zangadiço, carregou o chapéu de palla do vô siri'aku para as serras da químera. Vô siri'aku ficou desesperado. Tadinho do vô siri'aku. Não alcançou o afobado zéfiro. Foi um corre-corre. Até que zéfiro cansou, ou teve dó do vô siri'aku, e rebolou o chapéu de palla do vô siri'aku no chequeiro e, o que antes era chapeeos, parecia haguora mais um sino. Vô siri'aku esputou. Puteou. Desconjurou. Mijou em cima do sino. Barafustou com o zéfiro. Desbadalou. E se deschapelou daquele dia em diante.

## CUSPARADA

Meu vô siri'akv era o melhor lavrador, telheiro e carvoeiro da Telha. Homem respeitador e themydo. Meu vô siri'akv não precisava de sabêeça dos instrutos. A ssabença do vô siri'akv estava escancarada entre seus incisivos. Sua cusparada sarrenta de tabaco deixava a marca dos ko'pijña por onde passava. Depois que chegava do roçado, final de tarde, na piquena casa, reinava um silêncio solitário e no recinto (ou santuario?), quase sempre sem luz, pairava o nevoeiro e um cheiro de sarro detestabele. As paredes da peqña casa eram emplastradas de cusparadas do vô siri'akv. No silêncio do sítio a'sênv, o crepúsculo era também a hora do de-comer e vindas de outros tugúrios, nos arredores da pecena casa, ouvíamos gargalhadas e tagarelices de vizinhos quizilentos. Na pequenha casa dos ko'pijña, pelo contrário, reinava o çellenço, ninguém tinha sorriso frouxo não, ninguém era desdenhoso de lábios. Tínhamos tanto medo do vô siri'akv que mal podíamos engolir (ou desengolir?) o cuspo da boquua.

## DESARRIMO

O desarrimo ssẽpre morou dentro de mim. O desarrimo ssẽpre provocou desordem fora de mim. O desarrimo ssẽpre me fez prostrar junto ao trono do Deos de Jó (e mesmo assim, até hoje só vi Deos pelos pés). O desarrimo, em mim, nada tem de conversa de chacha : é a lúgubre saudade sem fim. O desarrimo ssẽpre foi, dentro de mim, um estranho abandono do branco de jasmíns. O desarrimo ssẽpre me chegou em momentos sombrios de melancônia. O desarrimo ssẽpre me povoou a mentre de incertezas e devaneios. Em MCMLXVIII, ouvi todo esse desabafamento do meu vô sirí'akũ, na capella do sítio a'sẽnũ, completamente bêbedo, com falta de juízo, e amargamente aflito de desarrimo. Depois, berrou, esbravejou e se desarrimou de Deos para ssẽpre.



## FOICE

Meu vô siri'akũ sabia foçar ar-ruzz e afoçoar ma'kakũs. Se não fosse o medoõs, tenho certeza que hoje seria foiceiro como meu vô. Aprendi muito sobre foices: sempre curvas, férreas, afiadas e roazes. Toda foice tem poder de prostrar ma'kakũs pelo chão. Conheci, de perto, as armas primitivas dos ko'piña contra os ma'kakũs: foices, facões, até ferrão de vaqueiro. Meu vô siri'akũ, com uma foice, sabia rachar lenha para cozinhado. Sabia depor uma foice no chão. Um dia, uma das três foices luziu, digo, seu fino aço reluziu, mais do que os outros dias, e não sei como (nem vi), cortou a mão esquerda do meu vô. Golpe feito e feio. A partir daquele dia, a foice ficou abandonada, num canto da sala, no chão, deitada, misturada com feijão, milho e arroz. A mão esquerda do vô siri'akũ ficou edemaciada, depois crispada e permanentemente trêmula. Meu vô olhava para a foice com cólera e os olhos avermelhados. Cheguei a flagrar meu vô, num átimo, com uma foice, dando golpes contra as paredes, as redes, as portas e cortando o vento forte que bramia em seu redor. Naqueles tempos, diziam-me que meu vô siri'akũ chegou a degolar dois ma'kakũs lá de mi'sẽw du mi'rẽdẽ. Diziam-me que a morte afia a foice.

## SILVA

Meu 'siuva proveio do sibilo das matas do sítio a'sênu, das senzalas da Telha, da vasa do Açuda do go'veynũ, construído com a força servil dos meus ancestrais. Vi e cozi muitas seriemas fartamente alimentadas de roedores e cobras. Vi e descomi muitas iraúnas-grandes com seus bicos negros escancarados. Vi e deslambi garrinchões-de-barriga-vermelha com suas asas e caudas estriadas de negro. Vi e entranquesci tiês-sangue, tão pitorescos, com suas asas e caudas negras. Vi e desverdeci rapazinhos-dos-velhos de barriga branca manchada de preto. Vi e contemplei golinhas com seus colares peitorais negros. Do sítio, vi e senti o cheiro nauseabundo das degolas e do bodum de caiporas pretos. Ouvi a voz conselheira do meu vô preto. Ouvi a voz inconformada do vô siri'akũ tal e qual sopro sacudindo a letargia de joões-balões derradeiros do sítio a'sêno. Vô siri'akũ era da raça dos ko'piña, corrupção, e sabia imitar reisados. Naqueles dias, os ko'piña tinham as fisionomias de jacupemas.

## DENTE QUEIRO

Um dia, no sítio a'sênu, bem cedo, ouvi gemidos de minha vó brēzi'tine: ay que door, guay que door, ay, meu Dios, guay que door de dente queiro! Era a door dos seus queixeiros. Meu vô siri'aku, desesperado, corria de um lado para o outro, e fazia remedyo para a door de dente queiro da minha vó brēzi'tine. Meu vô siri'aku corria para a cozĩna e fazia ch̀ das folhas da goiabeira-branca, fazia ch̀ das folhas da goiabeira-vermelha. Vó brēzi'tine bebia o ch̀ do vô siri'aku, bochechava e gargarejava o ch̀, mas a door não passava. À tarde, a door de dente queiro de minha vó brēzi'tine só aumentava, e minha mãe pi'drine fez, entom, ch̀ das folhas da batata-da-terra. A door não passava. Uma velha amiga de minha vó brēzi'tine, de nome gi'ir' mine, fez ch̀ de alho e mesmo assim a door não passava. Foi um dia de martyrio. Rezei. Rezamos. Minha vó brēzi'tine chorava muito, minha vó brēzi'tine naquele dia perdeu a razão de tanta door; até que, enfim, adormeceu no chaão de tanto tormēto. Minha vó brēzi'tine, filha da montanha, um dia ensurdeceu o sítio a'sêno com seus gemidos de door de dente queiro.

## HOMIZIO

Aconteceu num sábado de setembro de MCMLXIX. Dois homens bebiam juntos na bodega do Jikomo' rênv. De repente, um dos homens puxou uma navalha e desfechou golpes profundos no pescoço do outro, e retalhou: “Verme é para rastejar no chão”. Esfaqueada, a vítima, rapaz novo, não gemia nem rastejava. O navalhista pediu sangue. Nunca soube o motivo da briga. Criança, naturalmente, me assustei com aquela cena, mas no fundo dos olhos, meus olhos ficaram enxutos e sem medo. Então, de repente, veio um sem-número de golpes: a vítima finalmente rastejou no chão, o sangue se alastrou no chão, os dedos do morto furaram o chão, enroscado de tanta dor. O flagicioso se aprouve ao crime, riu-se, e folgou. Ouvi risada de rasga-mortalha. Me amedrontei com a sombra do sega-vidas. O crime aconteceu na beirada do sítio a' sênv. — Acuda, sinhá brazi' liña, que teu filios me matou — gritou o rapaz das alturas dos céos aonde subiu e nunca mais voltou.

## ESPIRRO

Atchim! Atxim! Do quarto da casa, no Sítio a'sênu, vô siri'akũ ouvia meus espirros e via meu costumeiro estalcídio e dizia saudi, soude, ssahude. Minha vô brazil'ĩna ãtreuia: corre, 'jikũ, acuda o menino, mas vô siri'akũ sempre ficava imobil na rede de dormir. Perdia o ar. Convulsionava. Toma cuidado, Visẽ'tiju, meu filios, dizia a vô brazil'ĩna, e enfiava uma trocida no meu nariz, e, em segundos, voltava a abrir os olhos, bebia augua, respirava o silêncio do vô siri'akũ e voltava a viver. Vô brazil'ĩna era além da mellor parteira da Capella da Telha, a melhur benzendeira da rredondeça e sabia curar os calefrios, as tosses, os espirros, as ínguas, os soluços, as hemorragías, as hemorroidas e quando eu espirrava mouito me mandava cheirar o su'vaku. Entom, cheirava o su'vaku esquerdo, depost cheirava o direito, aí passava o espirradeira. Meu vô siri'akũ nunca espirrava, tinha perfume de homem, cheiro provocante, silente, aciumava em tudo minha vô brazil'ĩna e trazia nos seus sovacos grandes manchas de suor.

## DEOSA CAIPORA

Na Telha, durante minha infância, vi bastante juremapreta, aroeira, angico, marmelleiro e emburana. Pois bem, um dia, debaixo de uma emburana, lá no sítio a'sênũ, o do meu vô siri'akũ, vi um caipora. Era um homêes montado num taitetu do mato. Meu Deos, tinha tanto medo de caiporas! Só em ouvir a palavra kaĩ'põra, escondia-me dentro de mim mesmo e minha vó braziliña tentava me aliviar o medoõs com ave-marias. Minha vó braziliña, esta sim, era mulher munto corajosa, uma dia – contou-me – viu um caipora percorrendo as solidões do sítio, montado em um taitetu, e não deu tempo fugir, e a solução foi partir pra cima: “Te arrenego, brenunça!” Minha vó conta que nesse dia agarrou os braços e as pernas do azarento e se encaiporou com muito avorреçimento. Acho que minha vô braziliña era uma deosa caipora.

## CABRA

Minha família ko'pĩna, a do Sítio a'sênu, na Capella da Telha, era afamada por sua valentia, por suas facas e punhais, mas nenhum dos seus esfollacaras teve vocação para vaqueyro. Meu vô siri'akũ era carvoeiro. Meus tios 'nêu e vi'sentfi eram lavoureiros. Um dia, perguntei ao meu tio 'nêu, negro forte, encorpado, por que não era vaqueiro. Reagiu. De pronto, disse-me, em tom de espanta-lobos, sou vaqueiro, cabra da moléstia, cabra-topetudo. Não duvidei. Meu vô siri'akũ ouviu tudo caladão e ficou quietarrão. Não me pergunte como, mays num átimo, tio 'nêu apareceu vestido com um enorme calção de couro. No peito havia uma pele de cabrito e na cabeça colocou um chapéu, de, ao menos, uns 24 centímetros, bem pesado mesmo e com as abas bem curtas. Calçou os chi'nêuos da cor de ferrugem e pôs as esporas de ferro em seus pés nus. Tudo estava realmente bem amarrado. Pegou um longo 'jikute. Pegou uma faca. Meu vô siri'akũ estranhou toda aquela arumaçom, mas silenciou. Como puxei ao meu vô, fiquei também caladão. Minha vó brazi'lina começou a rezar “Creio em Deos Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra; e em Jesus Cristo, Seu único Filho, Nosso Senhor”. Tio 'nêu tinha coração de couro, mas era também couro-n'água, então pegou uma jumentinho brabo, colocou a cela e desembestou. Não se soube mais do seu paradeiro durante a tarde. No noutecer, tio 'nêu apareceu toda arranhado, acabrunhado, cheio de carrapichos e espinhos no seu calção de couro. Acho que ouvi meu vô dizer bem baixinho: “Cabra de peia, tu é um cururu dos infernos!”. Desembestei a rir que não queria mais. Depois dessa peripécia, tio 'nêu escafedeu-se e por muito tempo não foi mãys visto na Capella da Telha.

## EM BOA HORA

Faz parte da vida ir embora. Tio 'nευ, gago e zangado com meu vô siri'akυ, em MCMLXVII, foi em boa ora do sítio a'sênυ. Depois minha mãe pe'drĩna, em MCMLXVIII, triste e magoada com meu vô siri'akυ, foi emboora também. E assim o sítio a'sêno foi ficando sem jente, sem gentios ou hereges, asi, hermos, e a família dos ko'piĩ a foi ficando menor e ainda mais hermas; e cedo, também, soube o sentido de ficar hermo. Numa terça-feira, no ano MCMLXX, meu vô siri'akυ foi em boora. Chorei muito e minha vô braziliña me disse assim: visen'fjĩυ, seu vô siri'akυ, disse adeus ao mundo, entregou a alma ao Criador, rendeu a alma ao Criador; ouvia minha vô braziliña com munta desatenção, e nunca, é certo, entendi bem essas fraseologias de morẽ, moira, moreo, moryam, moyrades, moreeo, morrẽdo, morriria, mouram...



## INCÊNDIO

Tio 'nɛʊ era extremamente gago. Sou capaz de enredar cada uma de suas contorsões quando falava. Tinha trejeitos excêntricos na boquua e sua voz me lembrava a torcedura dos galhos de cipoaba. Tio 'nɛʊ tinha folhas membranosas no mofumbo do cérebro. Tio 'nɛʊ tinha flores vermelhas no mofumo da alma. A voz de tio 'nɛʊ tinha sâmaras aveludadas no mufumbo do olhar. Um dia revoltou-se com as caçoadas das gentes. Tacou fogo no roçado do vô siri'akɯ. O sítio a'sêno ouviu os sibilos da labareda enroscada no ar. Ouviam-se os silvos das cascavéis e jararacas que se arremessavam contra o fogo. Foi uma catarata de fogo. Foi um corre-corre. Foi um Deus nos acuda. O incêndio foi um “grande incêndio de Roma”. Submergia o sítio em um pelago de chamas. Tio 'nɛʊ estava completamente bêbedo. Meu vô siri'akɯ pegou meu tio 'nɛʊ pelas bitacas e gritou: “pro mode de que, 'nɛʊ?” Aí, o tio 'nɛʊ naturalmente gaguejou: “Dioses assim me fez assim, eu não tenho culpa de ser quiquiqui”. E prom-pto.

## CÁRCERE

Tia 'bitɛ notou a solidão, o abytymento, o carçele de tio 'nɛɯ. Meu irmão, segure minha mão, saia desse carcer maldito. Tio 'nɛɯ não cedeu e lly disse entom: obrigado, minha irmaans, não quero tua mão, recuso tua benefficência. Estou cansado, indigno, mas me deixa só, preso nesse entullo, assim demolido, com minhas quatro pedras no çapato. Deixa-me aqui, assj como estou, bischo, em pé, maltratado, com meus olhos doêtes, com meus pés chatos de dores e com meu budũ. Obrigado, minha jrmaa, não quero augua, não tenho sede, my deixa aqui, assim, invertebrado, mollusca, dentro dessa concha escura, sem resperacam, afogado em poucas auguas.

## GRISALHOS

Meu vô siri'akũ se agrisalhou ainda rrapaz. Suas alvíssimas cãs, certa mēte, vieram do roçado, do trabalho penoso e másculo de carvoeiro. Meus tios 'nẽũ e vi'sentʃi tiveram a mesma sorte: a fronte coroada de cabelos grisalhos e desgrenhados, com rugas profundas, nódoas de trabalho penoso e másculo de carvoeiros. Meu vô siri'akũ, toda via, nunca perdeu o tino, enquanto meus tios viviam embriagados e ensandecidos. Os homens do sítio a'sẽnũ tinham sobancelhas espessas, cabelos fartos e grisalhos, e isso me encantava (ou me intrigava?) durante a infância. O céu do sítio a'sẽnũ era grisalho. As minhas tias 'xita e frẽ' kĩna tinham tãobem cabelos grisalhos. Naquele tempo, via homens e mulheres de cabelos grisalhos que estrebuchavam, sem virtualhas, no chão sáfaro do a'sẽnũ, como cães famintos e grisalhos.

## QUIQUIQUI

Tio 'nɛʊ era quiquiqui. Talvez, por sua gagueira, era também um homem muito solitário. Sabia ler e escrever, e muito tar-ta-mu-de-ar. Um dia, num átimo, foi ao quarto e tirou do alforja um papel de emburulho e entregou ao vô siri'aku, que logo se pôs a ler em voz alta o bolodório. No papel, tio 'nɛʊ tar-ta-mu-de-a-va assim: meu pai, tenho um defeyto da natureza, uma infelicidade. Então, cá estou no canto onde sobrevivo, mas até onde vai esta sobrevida sem payxões eu não sei. Aqui, meu paay, dentro de mim, há uma chama, ao que me parece uma chama de lenha do mato que se faz caruõ, mas uma vida sem payxõ, uma vida sem mistério, sem emoção. Teu filho, meu pay, tem um corpo de homêes, mas um homêes sem fala, sem pele da senhora. Aqui, há fogo, mas sem arrebol em pleno céu do poête. Vejo de onde estou muitos e estranhos raios quebrados, um divino arco de 'dewʃ, mas não há sóis nem os olhos de uma seõora para spyar. Aqui, no sitio ɛ'senu, o que tenho é só solidã.

## REDONDA

Desde que o mundo é mundo, o homem quer juizios e repostas para suas inquietações. Assim, filosofava meu tio 'nɛʊ. Tio 'nɛʊ era homem forte, musculoso, com veias saltadas no biscoço e não tomava na cuia dos quiabos. Tio 'nɛʊ tinha uma cabeça pequena, mas tinha sabedoría e sua cabeça era redõda como a esfera que circula ao redor de si mesma. A primeira vez que ouvi alguém dizer que a 'teʋɛ é redonda foi com o tio 'nɛʊ. Tio 'nɛʊ chegava a fazer gestos da aparemçia da vagina para mostrar o aparência da 'teʋɛ e tudo isso me parecia munto obsceno. Todauja, meu tio sempre aguardava ansioso o momento de um eclipse lunar para mostrar a todos a sombra circular da 'teʋɛ, para todo mundo ver com os próprios olhos a 'teʋɛ rredonda. No eclipse, eu sempre via a sombra circular da teʋɛ, mas meu vô siri'akʊ tinhas suas dovidas e superstiçam. Vô siri'akʊ temia os eclipses, mas acreditava em seres ultramundânos. Disse que uma vez, na roça, tinha sido arredado do mundo por seres ultramundânos e viu lá de riba, ainda em riba, que a 'teʋɛ era como a cabeça da vô brezi'fine, bem achatada, mas não era redõda. Era uma polêmica interminável essa história da redondez da 'teʋɛ, aí, eu ficava no mundo da lua, digo, de olho na lua.

## SUMIÇO

Em MCMLXVII, meu tio 'nɛʊ sumiu do sítio a'sɛnʊ. Tio 'nɛʊ era conhecido, no sítio, como o revolucionariamente. Quiquiqui, cedo desaprendeu a ler, mas recitava, de cor, 'maxkʊs14:48: "Estou eu chefiando alguma rebelião, para que vocês venham me prender com espadas e varas?". Vez por outra, por iniciativa própria, tio 'nɛʊ juntava gravetos de lenha seca e fazia fogo de chão. No sangue vermelhas do tio 'nɛʊ crepitavam fogos de gravetos de comuna, sua felonía se estilhaçava em clarões, e, com seu repentino sumiço do sítio a'sɛnʊ, muitos foram os pesadelos luctíferos da gente de casa. Vô si' riakʊ nunca o repreendeu, mas cochichava para minha vó brazi' liña assim: "Isso é falta de joyzo". Quando ouviu no rádio, em MCMLXVII, a notícia da morte de 'ʃi ge' vara, na bo' livia, tio 'nɛʊ entristeceu, reallmente mudou as feições, deixou de ter a barba e perdeu parte do cabelo: de um dia para o outro, ficou ímpio, indecente, vituperioso e blasfemo.

## ZOAR

Tio 'new tinha a velha mania, desde cryamça, de sair de casa sem avisar a nêguê e nymgem sabia mesmo de seu paradoro. Vô siri'aku silenciava, mas vô brëzi'fine chorava munto com a desapariçã do tio 'new. Certa vez, dez dias depois de sumido, já dado como morto, vô siri'aku recebeu, em pretuguês, esta messiva de tio 'new: “Há dias estou aqui, gasalhado em Zoar. Aqui, nunca há, no ar, ruído de insectos, especialmente abelia, abesouro, mosqua e rããs. Aqui não há zorra. Aqui não há trovões nem rrelanpagos inesperados. Aqui Deos escuta minhas subpricações. Aqui o amor entre homens é celebrado. Aqui não se caçam os descreêtes nem se perseguem os diferentes (tio 'new era quiquiqui). Aqui não há pena de morte. Busco, aqui, asesequo, o sono de pedra. Aqui, em Zoar, convivem as diferentes espécies. Em Zoar, posso andar de cá para lá sem precisar a lugar nenhum chegar e daí para cá posso vir sem nunca mais precisar retornãdo.”

## FILHO ÚNICO

Criança, aprendi a perceber as caussas do mundo. Por isso, hoje sei quando as coisas do amor vão malles. Descobri, em MCMLXVII, que meu pere ʒua' res não amava mais minha mãy pe' drína. Dormiam em redes separadas para não correrem o risco de ter mais filios. Meu pay ʒua' res não queria mais ser meu paay. Minha mãy pe' drína queria ser minha mãy, todauia, para ela, ser maj já lhe era história de Trancoso. Não veio assim meu irmãozinho nem irmãzinha, todauya minha mãy me disse que seria sempre minha maj e, de um dia para o outro, meu pay foi emboora e não voltou mais. Naquele ano, ouvia, no sítio a' sênũ, meu vô siri' akũ recitar Gênesis 1:28: “Então Deos os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.” O Deos do vô siri' akũ, pella vêtura, não era um Deos procriador? Por que meu paay ʒua' res fez da minha mae pe' drína uma madrinha defunta? Na fronte rugosa de minha mae pe' drína via dores e no seu rosto encovado via sofrença, como a de ter um filho único, e sem paay, luto d'alma.



## TELHEIRO

Se me faltar a palavra, escrita ou falada, e o gesto me negarem, restar-me-á o ofício dos meus ancestrais, os ancestrais da Missão da Telha, o de ser telheiro. Sim, serei fazedor de telhas. Telheiro com fama de fazedor de telhado de vidro. Erguerei fazendas suntuosas, fazendas com pastos do gado, fazendas com paredes rosas, fazendas com pilares maravilhosos, fazendas com as telhas de fibras de vidro, fazendas cercadas de alfazemas, e translúcidas. Se me faltarem as palavras, serei telheiro, fazedor de telhas, as onduladas, as telhas que lembram as ondas do mar, as telhas que se agitam com o sopro de Zéfiro, as telhas que já não cobrem meu telhado de vidro, o mesmo telhado que me abre agora o peito.

## SINHAZINHA

A uma das portas que dão para o quintays da casa da tia 'kikē apareceu inesperadamente siá mē'riē, a mais bela moça branca do sítio e'senu. Meu coração palpitou. Siá mē'riē sempre tão gentil, vivaz, com a mais generosa amostra das suas coyxas brancas e volumosas. Siá mē'riē era tão cheia de travessuras, tinha a mesma guarrideçe do periquito-da-catinga, que arrasa a água e se espanija. Entom, me declarei: teu rosto inebriante, sinhazinha mē'riē, me embaraça e me encanta. Assim, não sei, siá mē'riē, se estou diante de um mito, mulher ou santa. Deves ser mesmo mito, mya mãe-d'água, mÿa cobra-ma'ria, mhas mãe-do-rio, mha cobra-grande, mhas mãe da mata, mĩã sereia do mar, mias senhora-das-águas, ma cobra-norato. Rendo-me, então, à tua beleza, faço-me servo de ti, minha senhorya, servo com a mesma servidume de um senhor feudal diante de sua bela sá, siá, sinhá, com o mesmo arrebatamento de um beato no altar da 'virzēj mē'riē.

## AMOR

Há de sobrevir porque, na vida, o amor é fogo sagrado, é tempo tolerante de espera, uma aventura fagueira do bem que nos chegará na hora certa. Então, quando esse amor chegar, laço-lo-ei na mais obsequiosa reverência de um cortesão. Até lá, o amor será a doce espera, e não descruzarei os braços enquanto meu amor não chegar, atravessarei destemidamente o dia prantivo como animal ferido, solitário e resiliente. Penso assim sobre o amor que a mim chegará: o amor que busco em sonho desde a tenra idade e que me alcançará em boa hora. Enquanto meu amor não chegar, restar-me-ão os braços em torno do altar, a explosão de aleluias, a cabeça sobre o peito da virgem vestal, siá ma'ria alemburada.

## BEIJO

A moça branca, no Sítio a'sênus, era a mais bela e cheirosa da Capella da Telha. De sorriso rechonchudo me encantou à primeira vista. Siá ma'ria. Uma vez na cozynna da casa da tia frês'kijna fiquei bem pertinho dela, bem apertadinho, e seu cheiro de moça branca me evocou o de milho verde, milho em flor, virginal. Tão branca siá ma'ria, tão opulenta, com suas coixas tão brancas, suas coixas atan volumosas, tan misteriosas e tã apetitosas como a carne das rrããs. Siá ma'ria era tã faceira e tã dócil. Então, combinei o encontro apaixonado ao entardecer, no riacho kayna'uba. Bem antes, no começo da tarde, tomei um longo banho, na barragem, e fiquei com cheiro de palha de milho viçoso. Depois, longamente escovei os dentes com juá. Pronto. Estava preparado para meu primeiro beyjo na moça branca. Montei as stratagemas, uma a uma: beijaria, primeiramente, o nariz; depois, o pescoço; depost, o rosto e, adeãte, a pele. E, assim aconteceu o comteçido, no Riacho kayna'uba, beijei demoradamente a moça branca, uma aragem aprazível e incenso de caiena, e de sua boquua exalou o cheiro bom de almecegueira-cheirosa. Meu primeiro beijo na moça branca foi um beijo medroso e leve, mas siá ma'ria foi realmente minha primeira rosa de amor.

## BICHO DO MATO

Aos sete anos, na aridez do Sítio a'sẽnũ, tera de gente abrutalhada, terro de tantos pedregulhos, enchi meu coração de 1.029 km<sup>2</sup> de vazios e morri, por dentro, à guisa de um mártir cristiãũ. Antes dos meus dez anos, esquartejei-me na terra sáfara e tive minhas pernas abandonadas em ba'xeiras e alẽĩ'kax e meus braços foram brutalmente arrancados por feras invisíveis do Sítio a'sẽnũ. Fui crescendo assim, esquartejado, com partes de mim jogadas em ba'u, ga'deAa, Rxiafovey'melũ, baxũ'avtũ e suasu'rẽna. O sítio a'sẽnũ me castigou desde cedo e sentia a morte exalar pela minha boquua. Para não perder o juízo, falava com rrããs e ouvia queixas de insetos. Para não perder a esperança, estridulei como os grilos e modifiquei as nervuras dos insetos cobertos de espinhos. Por isso, passados tantos anos, ainda sou tão despedaçado, estraçalhado, e o que me restou de vida me levou impetuosamente a copular os bichos mansos, a criar asas e a deixar unicamente me'rie, minha me'rie do sítio a'sẽnũ, para sempre, no meu dorso de menino caipora, bicho do mato, grosseirão.

## ESTRUIÇÃO

Quando soube, ela tinha *quymze*; eu, apenas *septe* anos. Era tarde. O tempo impiedosamente havia passado. MCMLXXII. *ma'ria* foi para a sede da Capella de Telha e se casou. *ma'ria* tão branca, tão bela, tão donsela. Vi as mudanças no corpo de *mē'riē* na minha primeira infância: vi seus seios ganharem volume, lambi vorazmente suas partes, decantei seu perfil gracioso de *dōnzella*. Minha *mē'riē* tão branca, de rosto tão formoso, tão corada; sua voz, a mesma doçura do clarim. De longe, sentia o cheiro virginal de *mē'riē*, sempre de sorriso tão generoso; devo ter me ocupado de contar cada um dos seus pelos pubianos e suas axilas traziam uma doce relva com aroma próprio. Vi a grandeza de seus quadris brancos e suas imperiosas coxas brancas. Sempre que possível fiz as devidas reverências de cavalheiro diante da donçela. Toquei, onrrado, a vagina de *mē'riē* tão espessa e vi o milagre do seu briguigão. Chorei tanto com o casamêto de *mē'riē*. Sofri tanto com seu hymeneo que quis voltar à matriz de minha mãe *pi'drine*. Gritei em vão: *vó brēzi'line*, *mē'riē* se casou! *Vô siri'aku*, me acuda, *mē'riē* se casou! Minha *mē'riē*, minha *ira'sēma*, minha corsa selvagem. Naquele ano, de certo, aquele cassamento estruiu meu coração.

## GEOMETRIA

Traço com régua e compasso minha fala carregada de enjoo sem nenhuma causa aparente, exceto a dor da alma: o que tenho a dizer já não me é objetivo, exterior; o que tenho a dizer não tem destinatário certo; O destino? Ao certo, o interior, o subjetivo e o inútil. Nada mais me é natural; tudo em mim se deplora e me incomoda, um furor que me diz sobre o inumano, o antagônico e o derradeiro. Assim como no passado, criança, acorrentado (sim, feito bicho, fui acorrentado!), continuo a traçar curvas descontínuas ao compasso do coração devastado, pêndulo que hoje, sei, segura os desolados. Minha emenda, então, é negar: nego, pois, a rotação da Terra, ainda que não negue sua redondez. Não me apego mais à geometria, seja analítica, diferencial ou euclidiana, nego-a veementemente com o mesmo destempero feroz dos que esperam pelo pior. Nego a geometria e os geômetras. Nego todos os quadriláteros. Digo não aos lados e ângulos retos do quadrado. Recuso a existência dos polígonos. Refuto a matemática. As diagonais do quadrado não são perpendiculares nem seus ângulos internos se interceptam no centro. Minha ilação do inútil agora é minha afirmação: meu mundo, minha épura; esta, a planta baixa dos desvario; eis-me, aqui, habitador da mouraria dos semimortos. Eis-me bipolarizado de a'sênv.

## HEBETUDE

O clima do sítio a'sênu era árido. Agora, sei porque abria tanto a boquua e meus braços se espreguiçavam. Vivia ensonado e meu sono era lento. Meu peito ardia repleto de torpor. À noite, grasnava como as rrããs e o torpor me trazia uma correntia sonolência. Passados tantos anos, relendo, agora, lu'siola, de aléĩ'kax, interpreto melhor o torpor do séhor xo'fjŋa, aquele homem com a cabeça pesada de sono e um cálice de cognac na mão. Foi no sítio que aprendi a lição do langor de xo'fjŋa: inquieto-me com a aridez da terra batida e arremesso de mim o torpor dos meus ancestrais.



## MÁGOA

Nunca acreditei em quebrantos ou sortilégios. Risquei do meu dicionário vital a palavra feitiço. Eis o que me compraz: saber que, em matéria de amor, o que há de encanto é, na verdade, o desencanto, a mágoa, a que mata mais, a mágoa que flagela, que fragiliza, que confrange e impõe em nós um medo devastador, o medo dos alonsos, o medo desinteligente, o medo irracional e que nos anuncia joio no malhar do trigo. A mágoa nos atormenta e, aqui, me apraz dizer: sou um contumaz semimorto, em coma cárus. A magoa me interrompeu o viver, me embaraçou, me aborreceu e, agora, padeço de anojo. Pois é: realmente, o poder do beijo do príncipe na Branca de Neve passou. Siá me'rie, òde?

## SAUDADE

Quando soube do sim de mɛ'riɛ, de seu noivado pagaãos, soluçei de door e não dormi naquela noicte. No outro dia, cedo, acordei aos plantos, plãtos, planctos. O sítio a'sênũ ouviu meus gritos de door. Meu vô siri'aku ouviu meus gritos de ravia, rajua. Meu vô siri'aku, estou com soydade, soidade, soydade, ssuydade de minha mɛ'riɛ. Quede minha mɛ'riɛ, meu vô siri'aku? Vou smorẽ, moira, moreo, moryam, moyrades, moreeo, morrêdo, morriria, mouram de saudade da minha mɛ'riɛ. Meu vô siri'aku, meus lábios ardem, estou com door, meu sentir é profũdo, profundos, perfundo, profundo, proffundo, é door de perecimento. E asi, asse, ssi, rompi durante dias em choros prolongados e sentidos depois do casamêto de mɛ'riɛ. Meu rosto trjste escondia nas minhas mãos menineiras e o sítio a'sênũ ouviu os ecos do meu ay, guay, ay. Nunca me esquecerei de minha amarga soydade de mɛ'riɛ e a memória de minha emfancia há de ser sempre a do martyrio horrendo de todas as noites sem mɛ'riɛ, um derradeiro gemido de angústia; se hoje minha dor é esthesia, outrora, sofrymêto, sofrimento, suffrimento do amor puro.

## SILÊNCIO

Sítio a'sênu. a'sênu sem mɛ'riɛ foi meu desassomar. a'sênu sem mɛ'riɛ foi minha dessonra, dezomra, desohonrra, desonhorra, desonrra e çancadilhas. Tinha minha fee em Deos, tinha fee em Μαριαç no cééo, a de Nazaré, a Santíssima Virgem, mas não tocara mais minha mɛ'riɛ do sítio, a de carne e osso, a das coxas grossas e brancas. Minha mɛ'riɛ era dõnzella jngrata, engrata, descomũal, casou-se só por interesse com um pagano, com um demoneo, um demonyo. Sim, sim, mɛ'riɛ me abandonou, abandonou o neto de siri'aku, o neto de brɛzi'tinɛ, o filho de pi'drinɛ, o sobrinho de 'kikɛ, um menino santo, um santo homem. O casamêto de mɛ'riɛ me aborreceu muito e meus muxoxos tãobem entristeceram e aborreceram meu vô siri'aku. Meu olhar era choroso como num rebanho de cândida ovellã. Sobre o chão de terra batida do sítio a'sênu pesava meu silêncio. Ninguém ouvia a minha voz, só meu plãto, o silêncio agridulce do menino sem mɛ'riɛ. Meu Silêncio, o silêncio sem mɛ'riɛ, era o méesmo de um pássaro perdido, um pássaro que espaneja suas asas no ar e sem forças. Naqueles dias tristes, a nuvem do cééo, desprovida de minha mɛ'riɛ, ficou presa como uma asa e tã bẽ não esvoaçava.

## SOLITÁRIO

Meu vô siri'aku era um homem ssollitario. Acho que era aislhado e ligeiramente uesgo. Seu olhar sobre mim era sempre enviesado e, se estava diante de bichos, árvores e do Riacho da kayna'uba, tinha um olhar quebrado, que lembrava o olhar de piau morto. Ouvia muitas vezes ele conversando sozinho com os pássaros, as rrããs e as águas do Riacho da kayna'uba. O que vô subvocalizava aos bichos e às águas nada significava para mim, afinal, ainda não sabia da sintaxe do silêncio, mas sua entoação me encantava, a palavra entoada, e sua solidã abria em mim a soledão própria de menino. Puxei ao vô siri'aku ser assim também aylado. Também aprendi a cair no çellenço e sou ainda hoje capaz de cõuersar com os vertebrados, como répteis, teleósteos, lagartos e rrããs, até aprendi com meu vô a inverter os sexos dos bichos, transformar machos em fêmeas. Dos bichos vertebrados, conheço bem a “montaria dorsal” das rrããs, das rrããs machos agarrando as axilas das fêmeas por trás e derramando uma pituíta dentro delas. As rrããs fêmeas nunca se importaram com o silentio do meu vô siri'aku e grasnavam alto quando se acasalavam com os machos. Eu e o vô siri'aku aprendemos a ser solitários, solitários como são aqueles bichinhos levados pela chuva ou pelo vento para o hermas, bem hermas, bem hermo *mêesmo*.

## VERRUGA

Um ano depois de casada, iníspirede' mēti, numa tarde de MCMLXVIII, talvez, domijngo, mē'rie, sim, a do meu primeiro amor, apareceu no sítio a'sēnū, em forma de mulher champruda, rechonchuda, repolhuda, volumosa, de cabelos pintados e com uma estranha verruga no queissu. Fiquei desenfeitado. Eu, aos ssete anos, neto de siri'aku, agora bem mais tristis, um serzinho enfiuzado, magruço, malcriado e rechupado. Também tinha uma verruga, mas no dedo, porque aponteí uma vez uma estrela com o dedo, mas ma'ria trazia uma verruga no queixoo, como? Achava em MCMLXVIII que verruga no queixoo era excrescência de bichos: só via verruga no queixoo de porco e em porqueiros. mē'rie, agora, casada, falava tã alto, tã obscena, tã licenciosa, com decote tã indecente, com sua verruga tã vermelha, com sovacos tã cabeludos, com barba tã cõpryda no queixo, sem a doce dignidade da minha dõnzella, tã brejeira, despudorada, tan lasciva, tã perdida, tã velhaca, tã voluptuosa, tã verruguenta, tã berruguenta, tã verrugosa. Em MCMLXVIII, descomi mē'rie.

## ABECÊ

Perguntei por perguntar: o abeçe, vô siri'akũ, o sêho sabe? Foi o suficiente para o vô siri'akũ, desabusado que era, se avexar e começou a arriscar no chão da terra batida ao menos umas dez e sete palavras todas com til. Repetiu então o vô siri'akũ, de cor, a tauoadas e a carta de syllabas e nomês. Vô siri'akũ quis logo me jnstruyr o nome de cada letra do abeçe e com a ponta do pé escrevia no chão da terra batida cada segno e ia apagando depois, para escrever outra letra e outra até o fim do abeçe, fazendo da terra bárbara a ardosia. Vô siri'akũ sabia ler a Missão Abreviada, a do padre Manuel José Gonçalves Couto, sabia jnstruyr o povo da mesma forma que aprendeu a ferrar as bestas. Vô encaixava o abecê na cachola do povo com a mesma presura com que metia um cravo na ferradura. No povo rudes, Vô siri'akũ dava gritos, safanões e cocorotes. Do Sítio ɐ'senu, vô siri'akũ tentou até ensinar o abecê às rãs, mas não sabia como meter as letras nos cascos das bichinhas. Com o vô siri'akũ, aprendi só fazer o til espiando suas sobrancelhas negras, aprendi só a arriscar o ó espiando a conchinha da orelha da vó brazilina e quando tentei aprender o á trinquei os dentes e me enfezei com o vô, a vó e o mundo.

## BATATINHA

Em MCMLXVI, aos cocorotes, na capital, aprendi a leer com a tia aʋris'tela. Quão desastroso foi leendo com dolorosos cascudos. Nas férias de julho daquele mesmo ano, quando retornei ao Sítio a'sênv, na Telha, já sabia ler as coisas do mundo e muito bem declamar, em voz alta, as quadrinhas populares, dramatizando as trobas com gestos na face, nos lábios, nos olhos, capaz mesmo de chorar ou de me alegrar com o cântico dos repentistas. Uma noite, com a frente majestosa e solene, resolvi recitar diante do meu vô siri'akũ. Ele me ouviu com atençõ, mas, no final da declamação, silenciou. Depois de um quarto de hora, meu vô siri'akũ quebrou o silencio: não se diz “Batatinha quando nasce esparrama pelo chão”. E continuou: o certo é “Batatinha quando nasce/ Deita rama pelo chão;/ Mulatinha quando deita/ Bota a mão no coração.” A correçam não foi pacífica. Minha vó saiu em minha defesa: 'jikũ, o certo é “Batatinha quando nasce/ Deita rama pelo chão ;/ Sinh'Anninha quando deita/ Põe a mão no coração.” Naquela noite, a palavra da vó brazi'lina esparramou pelo chão como quem espera que caia do céu uma estrela.

## BUMBA-MEU-BOI

Em MCMLXVIII, praticamente não via nem havia meninos da minha idade no sítio e'senu. Quatro gatos-pingados. Quando juntos, gostávamos de quebrar a rotina, fazíamos barulho com latas, andávamos em bando para compartilharmos as “cõquistas”, e mijávamos, naturalmente, em pé, em volume suficiente para demarcação do nosso “tarrentorio” no chão de terra batida, assim como faziam os cayeês, especialmente os caëes do vô siri'aku. Participávamos de grupos de caretas para celebrarmos, no sítio, os bois-calumbas, ou melhor, os bois-melões como dizia minha vó bræzi'finæ. Não participava dos bois-calumbas porque não via sentido njǿ ã contar a morte e a ressurreição de um boy. Não posso negar que, anos depois, a estorya dos bois-surubis, a hestoria de que um dia voltaremos à vida após o pericimento me impressionava; mesmo vestidos com nossas caperuças, seremos, sim, resuçitados como aqueles oméés vestidos de armação de madeira com pano e os homêes com uma cabeça do animal feita à mão também serão resuçitados. Com o tempo, achei, todauya, mais interessante amolar o boi. Assim, cedo desaprendi o ofício de esmolar indulgenças aos hereges do e'senu e aprendi a chocalhar, a mexericar, a achocalhar os crêetes do lugar com o despautério de que entre o omeem e nostro θεο sempre há um boi na linha.



## CAROCHINHA

Sou de uma época em que tocar as mãos de uma donzela já era um ato de defloração. Assim, engravidei as mãos das mais belas donzelas de minha rua. Nove meses depois, via flores brotarem das mãos das donzelas de minha rua. Na minha rua, cedo os meninos aprenderam a deflorar a imaginação de meninos ingênuos e beijavam, em insólitas histórias da carochinha, as mais belas donzelas de minha rua, com o beijo sobrenatural e o sobrenatural beijar das fadas era o desenlace imprevisível. Sabia também contar meus contos maravilhosos. Minha mãe não ria, mas também não me repreendia. Em todos meus contos, minhas mãos, minha boquua e minhas partes eram fabulosas e encantavam as mais belas donzelas de minha rua. Tinha, em mim, a mais santa ingenuidade das coisas de amor. Um dia, um amigo, mais velho, despudorado, disse-me, com gestos obscenos, que deflorar era copular, fazer amor, e com gestos perversos, ensinou-me a obscenidade do real e devastador ato de deflorar: fiquei chocado; então, também fiz amor, de frente, por trás, chupei, beijei tanto, e me depravei; enfim, amei as mais belas donzelas de minha rua, perdi também o decoro, e o que era virginal já não me era tão sagrado e fétido; e fui, assim, fazendo amor e fazendo versos para recuperar o fôlego para engravidar as mãos das mais belas donzelas de minha rua.

## CATECISMO

Tio 'zokɛ era irmão da minha mãy pɪ'drinɛ, irmão por parte de mãy, e o único que sabia de cor as paravõas de 'dewʃ. Era o único da família com sabida erudiçam. Tinha mais intruição do que o vô siri'aku. Foi tio 'zokɛ que me iniciou no catechismo. Dizia ele: aqui, no sitio ɛ'senu, todos dormimos cedo. Bebemos a mesma augua de pote. Comemos, religiosamente no mesmo horário, e uma vez só ao dia, o pão amanhecido. Nossa deliciosa ambrozia traz ovos de jararaca-da-seca em leite amargo de abesouros enormes com suas mandíbulas amolecidas com mamona e tinhorão. Nossas peles são curtumes. Temos frieiras nos péés e as unllas, sim, as unllas, ajnda que enormes, estão sempre enfraquecidas. Nossas mentres, quando não estão vazias, têm o alembrado do agreste e nossos corações, sempre secos, como bem mandam a moral e os bons coustumes. Nosso ar tem cheiro acre. Nossos beyjos são desagradáveis e degradados. Nosso humor contraria çeytas e incomoda também ímpios. Quando sorrimos, há irrisam em todas as direções e por coisas por demais mesquinhas e ainda que por motivos óbvios de castydade. Aqui todos os voleyros são honrosamente maltrapilhos e seguem as formas rígidas da canções tristes. Aqui, como de costume, o ser é tão simplesmente despreçível. Aqui, nem é ssertação nem ma. Aqui, nem há deluuyo nem apocalisse. Aqui, a laje cobre nosso corpo nu de há muito dāpnificado.

## CRUZEIROS

Em MCMLXVI, encasquetei a ideia de ficar rigo. Não tinha visto ainda a cédula de cruzeiros, mas meus tijos 'nɛʋ e vi'sêti se entusiasmavam com a coleyta do ar-ruzz, ficariam rigos e receberiam 10, 20, 50, 100, 200, 500, 1 000, 5 000 e 10 000 cruzeiros. Meu vô siri'aku ouvia em completa mudez os sonhos de progredimento dos meus tijos. Claro, tã bẽ, queria ficar rico e pedi ao vô siri'aku 10 000 cruzeiros, no que de pronto retrucou: “Não tenho deneyro, não tenho cruzeiros, só tenho entullos, sobras e dejectos. Não tenho cobiiça, visẽ'tijnu. O que tenho a oferecer ao mũdo é o desútil.” Vô siri'aku cobiçava o nada. Vô siri'aku se sentia um quutiliquê. MCMLXVI foi o ano de sequas. Vô siri'aku não se amedrontava. As aruores e as rrããs não se amedrontavam com a sequas. Sem progredimento, meus tijos 'nɛʋ e vi'sêti foram emboora para a Vila Real do Crato. Minha mãe pi'drinɛ e eu fomos para Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. A seca no ano de MCMLXVI expôs a terra sequas, a roça do vô siri'aku ficou reduzida a pó fino. Vô siri'aku e vó brezi'finɛ ficaram no sítio ɛ'senu. Não morreram. Mas o rosto do vô siri'aku rachou, seu lábios arroxearam, já não rixava como antes, seu coração arroxou e, da minha parte, nunca vi os 10 000 cruzeiros, só vi 10 000 lazeiras.

## KICHUTE

No início dos anos setenta, tinha meus dez anos. Morava em *furte'łezɛ*, mas nas férias do collegyo *sɛłizi'enu* ia para o sítio *e'senu*, na Capella da Telha. Meu vô *siri'aku* era lavrador e carvoeiro. Um dia, depois de vender seu carvão, conseguiu juntar uma manchêa de cruzeiros, e apareceu em casa com emburulho diferente. Vi o emvorjlho e quis saber: o que é isso, vô? Ele me respondeu: comprei um *kik'futif*. Tio 'nɛʊ ouviu a conversa e corrigiu: *paay*, a gente diz *kɪ'futi*. Vô *brɛzi'tine* emendou: é *ji'kuti*, meu povo! Vô *siri'aku* silenciou. Pegou seu *kik'futif*, amarrou os cadarços por baixo do pé e, no cair da tarde, estava todo *faceyroos* na frente de casa, contando apenas com o séquito da família. No outro dia, calçou mais uma vez seu *kik'futif* e era flagrante seu desconforto pelo franzir da testa. Estava *sisudo*. No terceiro dia, cortou os bicos do *kik'futif* e disse que estava com os dedos dos pés inflamados e as unhas enclauadas. E agora, vô *siri'aku*? Perguntei-lhe, pronto para consolá-lo, no que ele me respondeu: só calço aguora *alparca*. Meu tio 'nɛʊ ousou na correção: *pere*, a gente diz *alparcata*. Vô *brazi'lina*, por sua vez, corrigiu assim, 'jiku, o certo é dizer *alpargata*. Vô *siri'aku* silenciou. Então, usei entrar na conversa e disse: vô, o certo é dizer *pragata*. O olhar de *esguelha* do vô me silenciou.

## LEITURA

Aprendi a ler em voz alta em MCMLXVI. A pedido do meu vô siri'akv, li primeiramente Mateus 5:16: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.” Acho que foi uma leitura lenta, chiante e soluçante, mas consegui ler do começo ao fim, o que mereceu elogio do meu vô pela boa silabação. Em meio à tanta jgnorância do abeçe no sítio, o elogio do vô siri'akv caiu em mim como uma desonra. Afinal, dominar o abeçe e ver meu povo mergulhado na escoridam, levou-me, de logo, à ignomínia e por me afrontar o ἀναλόβητος. A partir daquele dia, não quis mais ler em voz alta, decidi subvocalizar a leitura bíblica diária, articulava as palavras de modo quase inaudível, e passei a perguntar mais ao meu vô siri'akv sobre as peçoas e a emtrepetação dos versículos lidos: “Vô siri'akv, os bri'λῆ ἤs que são tão apresentados aqui no sítio e só se importam com o que as peçoas pensam deles, honram a Deos?” Meu vô nunca deu atenção ao meu pregũto. Cedo, então, me heresiei: “Glorifico, ó São Ciríaco, teu silêncio e por não ter ouvido de vostrum uma vez sequer alusão ao Deos invisível dos analfabetos do sítio. Gloria ao céo, gloria à terro, gloria ao a'sênv!”

## MENINEIRO

Lá na Povoação da Telha, todos tinham ofício: minha vó, afamada parteira e também adivinhadeira temida por toda peste de capitão do mato; das minhas tias mais queridas, por parte de mãe, havia a rica, desafamada como adeleira; a pobre, já remida, era altareira e me ensinou a rezar o padre-nosso que aprendeu com o vigário missionário; meus tios, os da parte da minha mãe, todos bebiam água-benta e eram afamados como arruaceiros; eu, assim como, digo, assim mesmo, puxei à minha vó e, desde pequeno, era menino. Da minha família, por parte de mãe, ninguém quis ser abelheiro. Eu queria ser só ser menino, e nunca quis ser abelheiro: queria, sim, ser telha e minha mãe, lavadeira, disse que se não aprendesse a cantilena do á-bê-cê, aos cinco anos, e se não lesse em voz alta a Missão Abreviada, a do Gonçalves Coutos, estaria condenado, desde logo, a ser curupira, ou melhor, quis dizer cupira, ou, talvez, minha mãe tenha dito que eu poderia ser sucupira, só sei que terminava em ira, e não iria para a aũ' deia, não iria pras bandas do Riacho paže'u, iria, sim, ficar no Riacho kayna'uba, os cupinzeiros da Telha.

## PADRE-NOSSO

Aos cinco anos ouvi, pela primeira vez, a myssa em Latim. O loiola, de nome 'xofa, da Capella da Telha, recitou assim: “Pater noster, qui es in cælis/Sanctificétur nomen tuum/Advéniat regnum tuum/Fiat volúntas tua/Sicut in cælo, et in terra”. Entendi que o pater nostres, que é de todos, está no cééo, de todos, e guardei os versos do paternostros de cor. Recitava e cantava o paternostros, mas um dia, no altar da Capella da Telha, misturei os versos assim: “Noster Pater, qui in cælis es”. Sofri a reprimeda do loiola da Capella e profetizou que não teria mais meus incisivos e da minha boquua brotariam as raízes das balsfêmias do mundo. Vô siri'akū também me repreendeu com o açoite cirial e me asseverou que o Latim era a língua só dos remidos. Daí por diante, minha oraçõis nunca mais foi a mesma, meu latim foi o de *cozĩna*: não queria mais saber de rezas, mas de benzeduras; não rezava, só soluçava e descobri que o Latim dos padres tinha uma sintaxe exclusiva dos padrres, a sintaxe do çellençio. Nos anos ssesseenta, minha vó brazi'lĩna era parteira, meu vó siri'akū era carvoeiro, minha mãe pe'drĩnaera lavadeira, eu era menino, todos católicos, todos viviam as mesmas prouuaçoões na Telha e a Igreja do latim, língua morta, nunca ouviu nossas misericórdias; o latim que era escarrado dos loiolas da Telha já nos chegava com os casos mortos; a Igreja do latim nunca vivificou os mortiços da Telha; e os loiolas da Telha quando não choravam só faziam misérias.

## PECADO

Meu vô siri'aku sabia de cor e salteado o lyvro “Missão abreviada para despertar os descuidados, converter os peccadores e sustentar o fructo das missões”, pelo paadre Manoel José Gonçalves Couto. Vô siri'aku exortava a todos do Sítio e'senu: “Tudo recebemos de Deos, porque tudo vem de Deos. Que somos nós? Quanto ao corpo somos pó, cinza, podridão, bichos, nada. E quanto à alma que somos? Fomos concebidos em peccado original, temos muitos peccados actuaes. Todos somos grandes peccadores e todos estamos em grande risco de sermos condemnados ao inferno; se Deos nos tem perdoado, nós o ignoramos; o que será de nós não o sabemos, porque ninguém tem certeza de salvação. Que somos nós? somos nada, ou peores que nada; porque somos peccadores, e é melhor não existir, que peccar...”. Meus ouvidos aprenderam muito com os sermões do vô siri'aku, o vô siri'aku me ensinou sobre Deos, os bichos, as rrããs, σαλαμάνδρα, e cecílias, digo, cobras-cegas. Assim, cedo descobri que as rrããs no Sítio e'senu tinham mais utilidade do que os bois dos violeyros que tanto escutávamos no entardecer. Todauya, sem as rrããs, o mundo não teria jentes nem gentios nem barbes nem pagaãos. O mundo sem as rrããs seria um mundo dominado por insectos e o coração do homem seria dorsal, sem Deos, como o dos insectos peccadores. Assim, cedo descobri que as cantigas dos violeyros peccadores pesavam mais do que as das sãctas rrããs.



## REBOJO

O açuda 'zeameriku, no sítio a 'sẽu, nunca teve rebojo de águas ou rebojo galopante como confabulava meu vô siri'aku. Vô me dizia que aos vinte e doos annos era cangaceiro temido no 3agusa'ribi e ia-se pelo 'sedru com suas bracamartes, lambedeiras e pistoletas, em busca de aventuras, desfazendo os agravos e as injustiças sociais. Pelo valor do seu braço, Vô siri'aku venceu a oligarquia a 'ksioli. Meu vô siri'aku confabulava com os Deoses e tinha instinto devinatorio que o tornava, no sítio a 'se u, um herói cristão, lídimo representante de Deos na terra. Vô siri'aku pregava contra a perdição do homem, e, depois de escaldado com os copinhos de cachassa, dizia-me que era capaz de fazer de todos os homens seres transumanados. Se a fala do vô siri'aku não era hyperbole, desconfio que sofria de alguma demência. Na verdade, o que se via, naquela época, era um açuda em desmaios penosos e isso me causava, ao adentrar em suas águas barrentas, um imenso calafrio, uma estranha carícia que me agulhava a carne do pé.

## 2ª PARTE

### Saudades do sítio a' sênu

“ — A senhora me fez saudades de minha terra. Lembrei-me de minha casa, e das tardes em que passeava assim por aquelles sitios com minha mãe e minha irmã.” (José de Alencar, **Luciola**, 1862, p.19)

## ACENO

Preciso voltar ao açuda a 'sênu, no distrito de alêĩ'kax, na zona rural da Telha. Preciso voltar ao sítio, sitiar-me e peregrinar pelo vasto sertão, abrir o coração e ouvir os causos do meu povo, os sermões das minhas tias que nunca envelhecem e saber mais do meu créole de sene'gëbia (gi'nε). Preciso me rastelar nas ervas secas, preciso me perder como outrora como um pedaço de pau arrastado pela correnteza do Riacho kayna'uba. Preciso cair nas barragens do açuda do go'veynũ, mergulhar nu nos rebojos do açuda, o do go'veynũ, e deixar o remoinho levar meu desassossego para o fundo e depois, com o mesmo fôlego de outrora, me arrebatat inteiro e me cobrir de pau, ervas secas, garranchos e lírios-do-brejo. Preciso voltar ao meu sertão, assim como estou, de coração mole, tão só, tão severo, tão sedento e mais vazio. Preciso esperar a enchente e me afogar tragicamente na imensidão oceânica do açuda do go'veynũ- diziam meus avós -, construído com pedra e cal pelos meus ancestrais, escravos nos oitocentos.

## URTIGAS-BRAVAS

Meu vô siri'akũ era um homem troncado, de pele rugosa e seca como as folhas das urtigas-bravas. Minha mãe pe'drĩna, minhas tias 'xita e frẽs'kiĩ a, de pele lisa e molhada, de dedos finos, sabiam dar alegres cabriolas. Não eram urtigas-bravas. Tio vi'sentĩI tinha espinhas grandes e feias no rosto, trazia no rosto as marcas definitivas de unhas sujas, no seu rosto, intrigante e oval, trazia arranhões de urtigas-bravas. Tio vi'sentĩI era uma urtiga de caatinga: floresceu longe da igreja e da santa comunhão. Cedou, casou-se com um punhal, e pedia sangue em qualquer zanga. Tio vi'sentĩI era temido por todos do sítio a'sẽnũ. O punhal de tio vi'sentĩI era de prata, tinha seu nome no cabo e na bainha. A fama de valentia dos ko'piņas foi conquista exclusiva do tio vi'sentĩI e não do vô siri'akũ, este, um ministro d'aquela Deos pregado na cruz pelo ódio dos fariseus. Com a mão feroz, tio vi'sentĩI impôs medo aos homens do sitio a'sẽnũ. Cresci com muitos terrores e tremores e um especial medo de urtigas-bravas, as inúteis urtigas-bravas, que só me causavam coceiras quando tocava, sem querer, suas minúsculas agulhas. Talvez, por isso, passei minha infância com tanto medo do meu xará, meu tio-urtiga, meu tio vi'sentĩI do sítio a'sẽnũ.

## AÇUDA

Foram meus ancestrais pretos que construíram, em MDCCCLXXXVIII, na Telha, o açuda do go'veynũ. Grande, profundo, com margens desabridas e assesseguidas. No começo, o açuda só servia de aguada dos animais, depois virou bevedeiro para gentes e a regar plantaçoões. Cedo me enfeiticei pelas agas assesseguidas do açuda e me fiz pedra para tã bẽ represar e prender agas. Minha vó brazi'liña me ensinou a nadar da barragem ao açuda e desde cedo aprendi a boiar, nadar com as pernas espichadas, boiar com a barriga para o cééo, até aprendi a nadar por baixo das agas. Mas, um dia, minha vó, uma contadora de histórias, me desenfeitiçou do açuda, contou-me de um estrondo, aos borbotões, com agas caindo, descendo e galopando pelo sítio a'sẽnũ, espumando e roncando, com munta força, torcendo gentes e arrancando plantaçoões. Desde aquele dia, desapreendi a nadar, meu nadar ficou sombrio, fiquei assustado com as agas do açuda que já não me eram mais assesseguidas.

## MINHAS VACAS

No sitio a' sênu, adorava a hora do banho do açuda. Descia correndo para o açuda, mas nunca descia só e minha vó brēzi' tīne não me deixava entrar só naquela acequia em cuias águas via upiabas grandes, alimentadas por mim com farynna e larvas de bizouro. O açuda a' sênu marcou minha emfancia, contemplava suas águas límpidas e minha mãe pi' drīne gostava de ser chamada a “menina da vazante”. Às margens do açuda, vi meu vô siri'aku plantando batatas-doces, abóboras, belancia, melões, mansises e vajas. Me encantava como meus tios e ninhas tias se referiam a gerumú; uns diziam, jurumú; houtros, girimú; obtros, jurumú; meu vó dizia, com empostação, jirimum e minha vó brēzi' tīne falava, com um especial arredondamento dos lábios, jurumum. Antes do jantar, somente meu vô siri'aku descia para o banho no açuda: era um horário sagrado. Nunca vi meu vô siri'aku nu. Acho que no seu corpo nu se escondia a alma de um bom vaqueyro. Nunca vi o corpo nu do meu vô, e, assim, também nunca vi também sua alma de uaqueyro. Via-o de longe, tão longe como as águas límpidas do açuda, e o hábito de tomar banho sempre no mesmo horário me levava a crer que iria a līphē-se as doenças do corpo. Quando ô siri'aku voltava do açuda, banhado, parecia-me um outro homem, jeito de rapax, todo līlīpho, cheirando a sabão de coco; entom, ligava o rádio para ouvir os violeyros e iniciava sempre a mesma ledaña: um dia vou ter um casário, um dia vou ter duzentos léguas de campos para criar duzentos toros. Eu o admirava: ige, vô siri'aku, dozētos tourros? E com a mesma mania de grandeza, curiava ainda: vô siri'aku, o sêhor deixa eu criar minhas duacentas vaquas?

## BALADEIRA

No princípio, o mundo era redondo. O mundo era povoado de borboletas, rãs e gentios, mas criaturas ferocíssimas e redondas. O mundo era uma esfera que a gente via dentro de uma cumbuca; meninhos, mijávamos em círculos ao redor da capella, no sitio a'sênũ. As casas eram ovoides. Os piaus do açuda tinham olhos arredondados e se distinguiam, assim, das achatadas curimatãs. As mulheres eram opulentas. Meu vô siri'akũ só falava por circunlóquios ou redundâncias. Nossa paz era redonda. Um dia, estranhamente, chegou ao sítio a'sênũ um gordalhudo se dizendo octoridade, com a missão de demarcar as nossas terras; falou alto e bom som de metros quadrados da área, mas ninguém na Capella da Telha sabia calcular as eiras do seu habitat e muito menos volume dos corpos redondos. O gordalhudo calculou o Sitio a'sênũ e finalmente apresentou os números redondos em cruzeiros para cada família. Alto lá! De repente, ouvi um balido. Atingiram o gorducho em cheio. O agrimensor morreu. Dizem que foi um tiro de boleadeira, digo, baladeira.

## BREJO

A Capella localizava-se bem no seio da Tella, para ser mais preciso, a poucas leguas do sítio a'sênv, porê o terreno, o da Capella, era exata e estranhamente um triângulo aequilaterus perfeito que me inspirava o á-bê-cê; o terreno da Capella tinha dono, era arrendado por 300 moedas (presumo cruzeiros), todauja o terreno era brejado e sáfaro, e a Capella da Tellha sempre cercada de árvores-tristes, igualmente brejadas e abaçanadas. Minha boquua de menino, ainda na segunda infância, era também brejada e meu oolio direito sempre remelento e lembrava o olho-branco. Telha era a moradia predileta de jurema-preta, pau-branco, carrasco, mofumbo e pereiro, que estranhamente se cruzavam em acasalamentos incestuosos e repugnantes. Os animais do mato eram poucos, os que vi, peguei e comi foram poucos, apenas vi, peguei e comi a cobra jiboia, o preá e a galinha-d'água, misturas saborosas, disputadíssimas, capturados no quintal da casa do meu vô siri'akü , capturados vivos com suas vísceras brejosas e deliciosas. Todos nós tínhamos cheiro forte e adocicado de pântano e do nosso cérebro escorria uma nauseabunda água esverdeada com gosto herbáceo, perem apetitoso. Nossos pés e mãos eram brejosos e nosso suor tinha cheiro fedorêto de piau-da-lagoa. Ninguém era privado de sexo ou de saudade, pelo contrário; todauya as sementes e os choros dos varões eram desperdiçados no lodaçal. Todos nós éramos unidos e tínhamos o dom de umidade e vegetávamos, felizes e hermafroditas, nos terrenos das várzeas inundadas.



## CAFARNAÚ

O Sítio a'sênũ fica nos confins da soledão. Terra bárbara. No início dos anos MDCCCXXV, eram praticamente seres inexistentes os conversantes no a'sênũ. Assim como as rããs, éramos abandonados de todos. Os telheiros e carvoeiros eram, desde as priscas épocas, naturalmente rudes. Desconfio que meu vó siri'aku, telheiro por vocaçom e carvoeiro por miserê, e minha vó brëzi'tinë, telhadora por afouto e cozinheira por satisfaçom, foram os primeiros soliloquistas do sítio a'sênũ e, na falta de conversantes, falavam unicamente com Deos. O Altíssimo, sempre silencioso e sentado no curul, onde só se assentavam os telheiros. Em busca de mantemêtos, meus abõos iam quinzenalmente à sede da capella da Telha, vindiços que logo despertavam a curiosidade dos çibdadanos: “Sêhor siri'aku como estão as cousas, como estão os “ko'piña”, onde vossemecês moram mesmo?”. Sempre as mesmas interrogações. Vô siri'aku virava a cabeça para cima e para baixo e fazia um barulho com a boquua. Claro, se fazia de lelê. Falava, então, coisas illogicas: “Moro lá no infinito, Dioses está na ssoonbra entre meu coraçom e o cééo!”. Os cidadãos continuavam coriossos. Em seguida, meu vô siri'aku virava a cabeça para os lados e dormia em qualquer ssoonbra de pé de pau, digo, pé-de-pau. Minha vó brëzi'tinë sempre via a aflicçom do vô siri'aku nessas horas de colloquio com çibdadãos da capella da Telha, e, desabusada que era, respondia em tom ríspido: 'nɔʒ 'more no calcanhar de judas, 'nɔʒ 'more no cornimboque de judas, 'nɔʒ 'more no cornimboque do diabo, 'nɔʒ 'more no cu de judas, 'nɔʒ 'more no cu onde o diabo perdeu as botas. E encerrava a prosa.

## CARNAÚBA

Se soubesse arremedar Pessoa, diria, em quadrinhas, que kaŷna'uba é o riacho mais belo que o açuda que sangrou no Sitio a'sẽnũ. kaŷna'uba é meu Tejo. Todauia, kaŷna'uba me estreitou por dentro e embocou meu coração desde mynyno. Abri fendas em mim, mas aprendi também e sozinho a cãtar doilos. O leite seco do kaŷna'uba me secou por dentro. Por dentro, sou como as águas represadas do kaŷna'uba. Minha aligrya nunca transbordou ou sangrou como a de outrem, e enfrenta as barras do córrego na Capella da Tella. E assim, tem sido meu declive, o declive de sempre, o que faz ladeira para o kaŷna'uba. Será que a sequidão do kaŷna'uba tãobem enfezou e retorceu a caatinga na Capella da Telha?

## CARRAPICHOS

No sítio a'sênũ, passei a infância lucubrando sobre tudo. Passava as manhãs lucubrando. Um dia, ouvi mistério na mata, calculei misterios de corrupiras, me vi, assim, digamos, um não, de cabelos vermelhos, um ouão de pés ao inverso, e quando reparei, comecei a falar de mesteryo de curypyrans, e fiz do meu dia um misteirio de corrupiras. Descalço, bem cedo, saí pela mata procurando sombras de jetatura, cismando curupiraas. No final da manhã, nada encontrei de corrupiras e retornei para casa do meu vô siri'aku sem curipiras, chorando muito, com meu pés inflamados de carrapichos, carrapichos espalhados no meu corpo esguio e meu choro era o de menino manhoso. Meu vô siri'aku, pacientemente, tirou cada um dos carrapitos. Um a um, vô siri'aku foi tirando com suas mãos habilidosas, cada um dos carrapichos agarrados no meu corpo. Carrapicho era fruto espinhento, prendia-se em animais e roupas de lavoureiros e infestava a lavoura do meu vo ïri'aku. Pois sim. Vô siri'aku, de cócoras, puxava cada um dos carrapichos agarrados na minha cabeça. Vô dizia assim: visẽ'tjnu, você é temoso, visẽ'tjnu, você é munto desobedeẽte. Eu morria de rijr: meu auolo, meu auóó, meu auoo, meu avoo, meu abõo, meu auuo e ele me reprendia assim: você é menino maluvido. Aí, eu ria e respingava assim: avoo, abõo, quero ser carrapicho. Vô esquelhava e fingia que puxava com força os carrapichos grudados no meu juízo. Eu morria de rriyr.

## CARVÃO

No início, havia o mato e o fogo. Surgiram, então, as primeiras profissões do mundo: a de mateiro, oje, chamado simplesmente de caipora; depois, vieram os fogueiros, oje conhecidos por malcomidos (não sei os porquês). Depois, bem depost, surgiu o carvon, sim, o caruõ de quozer, caruam para as lareiras e no sítio a 'sẽnũ meu vô siri'aku era o único com a arte de fazer carvon de madeira. Meu vô siri'aku era carvoeiro. Abria, com sua enxada larga, as covas para receber os pedaços de madeira e só ele sabia entreter o fogo. Apagado o fogo, surgiam no ar faíscas negras que, com o passar dos anos, adoeceram os olhos do vô siri'aku. Com o melhur carvon, minha vó bręzi'tinev fazia, no fogão a lenha, apetitosos guizados de xárque e deliciosas boroas. O carvão do vô me sufocava munto e espantava também as rolinhas do sítio. Algo sempre me chamou a atenção: os insectos se nutriam da madeira, mas nunca vi os insectos comerem o carvon do vô siri'aku (não sei os porquês).

## CEDRINHO DE AÇÚCAR

Nenhum dos ko'piña nasceu no monte Ολυμπος. Vô siri'aku, vô brazi'liña e minha mãe pe'drina nasceram no Cedrinho de Açúcar, hoje, 'sedru. Nasci na 'teλα, a 58 km de 'sedru, corri entre roçado, e só depois descobri as flores; corri entre brejo e só conheci cedros quando já sabia o sinal da cruz. Meus avós tinham uma majestosa cruz de cedro. Diante da cruz de cedro, vi uma vez meu vô siri'aku chorar por não ter o de-comer; de feição triste, parecia-me, naquela noite, um fantasma negro gemendo ao lado da cruz de cedro. Vi outra vez meu vô siri'aku derramar lágrimas sobre a terra bárbara do sítio a'sēnu. Acho que meu vô siri'aku ouvia gemidos do fantasma da cruz, rezava o indizível e seus lábios se moviam sem sorriso. Um dia, ainda menino, cortei um dos braços do aroeira-do-sertão e improvisei uma cruz tosca, sem apuro, ajoelhei-me e rezei assim: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deos, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.” Depois da prece, tremi nos lábios. Não vi mais nada nem fantasmas. Disseram-me, depois, que isso eram as convulsões do desespero.

## CHUVA

No sítio e'senu, tempo chuiuoso era tempo feio, noite chuiuosa era noite téébrosa. Quantas vezes, em noites chuiuosas, me atordoei com o barulho da chuiva fina, mas perenal, sufocando meus medos, rente à rede de dormir. Se chovia muito, o frio era emportuno e fazia do meu peito uma troada incomum de soledão e adjacente a quê, não sei. Se chovia ao longo do dia, manhã ou tarde, era tempo de menino ssolto, e corria no sítio e'senu como se meu mundo fosse aquabar, como a chuva fosse o desvario da humanidade. No sítio e'senu, os barulhinhos da chuva eram diferentes, lembravam os estalos dos dedos do vô siri'aku e as trovoadas eram estampidos do desconhecido, o estardalhaço de 'dewj. Noite de chuvha era noite de lõguos soluços de minha mãe pi'drine, com suas inconfessáveis dores da alma, com estrondos de plãtos da menina da uarzea, fragor dos dias lõguos e das noites llongas, rumbo ao passado trjste, rumbo ao chão sem frêmito, rumbo ao chão sem infância, rumbo ao chão com a mesma infâmia do ribombo do meu coração.

## CINZENTO

A Capella da Telha tinha o ritmo mazorrado da caatiga. O mato do sítio a'sênũ, sempre cinzento, tinha sede de água, mas havia aparição de curupiras ou caiporas. O gado esfomeado nunca parava de mastigar, engolir e ruminar cactáceas. As árvores eram baixas e sem pássaros. No alvorecer, o mundo não branquejava, o mundo ardia e se acinzentava na décima segunda hora, e meu vô siri'akũ pegava sua eixada para lavrar a terra no roçado cinzento, mas, na maior parte de sua faina, cochilava e ronquejava debaixo de um pé-de-pau carcomido. As rãs também cabeceavam com sono o dia inteiro. Minha distração era utopiar o mudo, com minha mãe pe'drĩna, pensar meu a'sênũ, a qualquer a'sênũ de Promessa. As apregatas do vô siri'akũ eram apertadas nos seus pés, mas não chiavam, porque não era permitido o desassossego no Sítio a'sênũ. O cachimbo grudava na boquua do vô siri'akũ para as nauseabundas cusparadas que oxidavam o terreiro sem galinha crioula. Meu vô tinha uma faca esbranquiçada nos quartos. Havia muita seca e vivíamos como mareantes no deserto de águas e minha vô brazilĩna rezava tão baixo credo in unum deum patrem que nem sei se era trasladado nos ceĩos.

## CORDÃO

Vô siri'aku cortava moytas, cortava fardo de algodam mocó, catava o alguodom mocó, suave mouito e cansava. Vó brezi'tine descarçava o algodã mocó e fazia coordões. Vó brezi'tine era mulher opulenta, branca, conversadeira, e munto pelejadora. Era a vó brezi'tine quem ia para cozinha e botava a água da vageês, depois moía o mylho, cantarolava e barria a casa, e aynda tinha tempo de pilar os arrozes. Vô siri'aku, na maior parte do tempo, ficava sentado e olhando para o cééo. Eu, todo abestalhado, também ficava olhando para o çeeo como meu vô siri'aku. Um dia, vô siri'aku pegou um rãzinha e me disse com o anuro suspenso no ar: “visẽ'tiju, entre esta rãzinha e os homens há um cordão de algodam mocó que nos faz carecer um do outro”. Era a terceira vez que ouvia este bolodório do vô siri'aku e nunca entendia nada do que o vô siri'aku tentava me dizer. Pois bem. No outro dia, peguei um cordão de algodam, capturei uma rãzinha, amarrei-a bem pelas perninhas e saí puxando a coitada pelo quintal. Vô siri'aku logo viu minha estrepolia e livrou a rãzinha já nas últimas. Explicou-me que seu dito não era o que eu tinha entendido, que a rãzinha não era rãzinha, que os homens não eram os rosseyros, que o cordão era apenas um noos para amarrar os homens pelo coração a Deos. Cri. Entom, desdo esse dia amarrei-me a Deos com um cordão de algodão crioulo.



## DEMOLIÇÃO

Demoliram a carvoaria. Demoliram meu vô siri'akũ. Demoliram tudo. Todos os ko'piņas foram demolidos. Vô siri'akũ se destruiu por dentro. Dias difíceis no sítio a'sẽnũ. Vi tudo. A felonia cresceu dentro de mim, mas exasperou-me em vã, vãã, vao, vãão... Dizem que foram os inominados que moravam por deetras da parede do açuda do Sitio a'sẽnũ (teriam sido menesmo os bri'Λēŋi?). Vô nunca descobriu os maos feytores. Vô siri'akũ teve muito prejoyzo e acho que perdeu também o joyzo. Ficou mais abusado. Bebia muito. Dormia mais e, deitado, anulava-se por completo. Vó brazi'liña rezava muito, mas sua fé virou também fel. Diante das águas barrentas do açuda, descobri, em MCMLXVII, a cor da affogadura: hoje, a pele não faz diferença.

## FLORES

No sítio a'sênu, via, ameudi, minha avoa bɾezi'tine regando seu jardinet nas primeiras horas da manhã ou no final da tarde. Minha avoa bɾezi'tine usava as mãos generosas para regar seu jardinet. Era sempre a mesma rotina: a cabaacha na mão rumo ao açuda e a avoa bɾezi'tine retornando com a cabaacha cheia d'água na cabeça para regar sua plãtas. A cabaacha era a mesma de guardar água, farynna e seemêtes. Avoa bɾezi'tine cultivava as flores mais bellas da caâtíga. Um dia me ensinou a nomear cada uma das flores do seu jardinet: visê'tiju, alhy são as rossas vermelhas; ally, são as gerbérias; alla, são os lílios, os liros, os lis; alilaa, são as orchídeas. Contemplava a beleza das flores, aprendia seus nômes, mas, de verdade, me fixava mais nos abesouros, os bizouros que se alimentavam de partes das flores, degradando o florilégio da minha avoa bɾezi'tine.

## LODO

Antes da força criadora do universo fazer existir o sítio a'sênũ, criaram-se, a partir do nada, peixes com gosto forte de barro e lodo. Depois, muitos bichos (especialmente, répteis) foram surgindo com “odor de lodo”. Meus ancestrais chegaram ao sítio com a mesma respiração e hálito dos curimatãs. Quando os bichos-homens povoaram o sítio a'sênũ, Telha de há muito era habitada por mouros, mas nós, os ko'piña, vivíamos isolados do mũdo. Nascemos velhos como as serpes da Bíblia, e chegamos ao sítio a'sênũ tristes, com as dores da morte de Abel, com os gemidos lancinantes de Jó, e pisando na lama do sítio a'sênũ. Chegamos ao mundo completamente lodosos, tão encarcerados, tão emporcalhados de felonía, tão sem asas. O que tínhamos unicamente no sítio a'sênũ era a Igreja Santa Rita de Cássia: “Bendito sejas tu, ó Lodo, que trazes a mais profunda amargura do sítio a'sênũ!” Naquela época, no sítio a'sênũ não desciam dos céus as lágrimas de Deos. No sítio nunca houve lírios nem águas das bênçãos de Deos. A filogenia lodosa de vida do sítio a'sênũ marcou minha infância da mesma forma que a mim me anojava a baba embranquecida e crua do vô siri'akũ, cristchãa que zombava da pureza da Lua. O chão do sítio a'sênũ era lodoso, cheio de poças negras, éramos todos mutilados desumanalmente pelo escorbuto da servidão.

## DILÚVIO

Chuva demorada. Torrencial. Quintal encharcado. A manhã está competente para ingás e figueiras brancas. Onde os lavradores? Surgem, então, no quintal, sapos comilões que comem o amanhecer com os olhos e engolem imoderadamente outros sapos gulosos. Sapos não sabem mastigar auroras. O sítio diluiu.

## O SÍTIO

O sítio a'sênũ era encantado, mas nunca vi sapos enfeitados que viraram príncipes. Ou vice-versa. Os arbustos eram floridos, mas sem perfume, e os bichos que os cercavam ssẽpre em movimentos vagarosos, fadigados... No sítio, ssẽpre me incomodou o olhar triste da minha mãe pe'drĩna, mas também nunca soube de sua dor da alma. Minha mãe pe'drĩna tinha ssẽpre um olhar choroso sob as negras sobancelhas. Acho que minha mãe pe'drĩna tinha o mesmo olhar triste de beija-flor triste, sem aquela frescura do voo. Já o sorriso de minha vó brazieri'liña, mãe da minha mãe, era místico, mas estranhamente sem fulgor. O sítio era, enfim, um lugar de paz: nenhum peito arfava de raiva nem havia pensamentos de vingança. O sítio silencioso do vô siri'akũ só era quebrado com as grasnadas de sapos e rãs. No açuda do sítio havia muitos piaus. Éramos capazes de, na hora do banho, sentirmos o respirar dos peixes por suas guelras fétidas; piaus ssẽpre com suas boquuas pequenas e com seus fortes dentes e afiados, cobertos de escamas fétidas.

## GOTEIRA

Nasci numa certa povoação da Telha. E só isso. Apraz-me ser telhense de nascença, mas não tenho o sossego nem a utilidade das telhas. No sítio em que nasci, sitiado de jgnorâncias, as telhas, logo que deixam o telhal e se tornam telhado, aprendem a lidar com as cóleras de Zeus, Deos do trovão, mas nunca se privam, as telhas, do sono. Vago às noites. É verdade, fiz-me telheiro por múltipla escolha, por noites em branco, mas sou telheiro que nada sabe da teoria do caimento, o pouco que sei de caimento é o da queda dos anjos, o que não tem nada a ver com o caimento do telhado; então, o resto que sei de não ser telha tem pouca serventia (por exemplo, na arquitetura bakhtiniana), o que causo é só goteira no coco de gente-cocô. Telhadura, sei lá o que é isso, isso não tenho mesmo nem cimento que me ajude a escoar os versos da minha estância. Não sou telha e minha vó brazi' lína me disse que nasci destelhado, nasci goteira, o que, claro, sempre me foi a gota d'água para minhas cóleras, as histéricas; ah, minha vó brazi' lína, tão brasileira, ria e, com sua sabêeça, me dizia que eu era goteira do bem, uma gota d'água no oceano dos destelhados. Se não tenho telhadura, o que me sobra não é o desmastreio? Se sou apenas goteira, minha serventia não há ser infiltração que escoo para dentro das almas penadas? A piora desse quid de ser ou não ser, ao certo, é a condição de ser além de um destelhado, também ser carcunda e ter o pensamento todo corcovado. Ser telheiro e não ser telha é ruim: me sinto galho, quebro galho aqui e acolá, empurro telha, causo empoçamento; sou, em substância, um goteirador. Minha palavra é sempre a instável, a que vem de rachaduras.

## DESCERTIDÃO

Desnasci no Sítio a' sêñũ. Não nasci a' sêñũ, nasci adeus, desnatural, invisível, e o batistério da Capella da Telha prova minha desistência, a retratação do contrassenso dito ao Santo Deos, sozinho e Deos. Meu pai não foi ao meu batismo (nem irá ao meu desterro), mas são muitas as testemunhas do desviveiro do meu não ser. Minha vó brazilina, que descanse em paz, parteira, minhã mãe Pe'drina, lavadeira, que Deos a tenha em bom lugar, já falecidas, atestam, no céu, minha desistência. Da minha desistência estou bem documentado, tudo devidamente desguardado na Capella dos destelhados, no fundo enxuto de uma botija, lá estão minha certidão de desnascimento, minha certidão de descasamento, carteira de desalentado, meu descertificado militar, descertificação de contribuinte e minha futura certidão de óbito. A Capella da Tella, construída em alvenaria de pedra por frades demissionários, esconde a botija e hoje, na Telha, atende unicamente aos reclames dos ofícios divinos dos desistentes. Meu vô siri'akũ sempre me disse que a capella foi feita para bafuntar as almas dos desistentes, para os señores desassenhorearem os currais, as fazendas e os sítios. Não desnasci em curral ou fazenda, foi no sítio a' sêñũ em que desnasci desfilado da vida. Minha vó brazilina foi a parteira, descusturou minha mãe aos nove meses incompletos e eu desnasci sem grito. Minha mãe Pe'drina possuía o Rh negativo e desnasci, também com Rh negativo, e negativado de pai. Minha descertidão, a de desnascimento, hoje uma folha jogada ao chão, traz minha desfiliação natural, sem fé publica. Minha descertidão, hoje,

uma lâmina, tão verde e tão rígida. Por isso, hic et nunc, nego a existência da botânica e a argila da terra pisada, nego os ofícios divinos nas folhas sagradas, nego o branco quadrangular e pesado da liturgia das horas. Nego a matéria branca. Minha descertidão é assim mesmo: aquarela sem leveza, sem frescor, sem cor, sem os versos distintivos do nascedouro.



## ABSCESSO

Já adulto, voltei, por diversas vezes, por vontade própria, à Capella da Telha. Verdade é que nunca estava só, mas sempre mal acompanhado. Também não sou telheiro de faltar à verdade ou de meia verdade. Um dia, com muito arrojo, arrojo do tipo que explode abscesso, tomei coragem e disse à moça branca, assim, bem desse jeito, abro aspas: não, não estou triste, apenas minha pele está rugosa e seca. Já disse que não estou triste, apenas o que para ti é conveniência, a mim não atende ao meu gosto. Não, não estou triste, mulher, apenas te pergunto a utilidade deste teu dissabor diante de minha dor. Não, não estou triste ou doente, apenas te inquiri, nesse alfobre, por que me abalas tanto nesse duro golpe de desprezo. Qual o porquê deste deste teu pesar se tu sabes que a mágoa mata mais. Por isso, mulher, o que para ti é simplesmente mal-estar, a mim é a derradeira amofinação, o exício da humanidade que habita em mim. Fecho as aspas. Acho que a vida inteira sempre falei para dentro e o Deos da Capella da Telha nunca me ouviu.

## ANACORETA

Ajoelhado no altar da Capella da Telha, juro que ouvia sons maravilhosos de clarinetes, oboés, trombetas e atabalaques. Na segunda infância, talvez, aos sete anos, diante do altar, fui à capella pedir ajuda aos frades que ainda restavam do longo estio na Telha, pedi ajuda aos frades que usavam longas barbas, que me acudissem em nome de todos os santos. Sofria de ecolalia. Supliquei ajuda às benzedeiras, implorei, em vão, o socorro às mães piedosas da Telha, pedi socorro a mulheres generosas da Telha, que retirassem do meu peito, rosto e dos meus ouvidos as lâminas penetrantes. Insistia aos sete anos em dizer da gravidade dos meus ferimentos. Difícil descrever, mas sentia algias terríveis nos ouvidos e escancarava aos servos de Deos as lesões lancinantes na minha língua. Padecia do mais estranho aniquilamento da minha face de ébano. Supliquei que me levassem a um dos conventos desabitados no Cedrinho de Açúcar ou na Missão dos Cariris Novos, e pedi aos frades que me fizessem a barba e a coroa, e cortassem os enormes cabelos nos meus ouvidos. Assim foi feito, deixaram-me, ainda na segunda infância, aos sete anos, no mosteiro da Missão dos Cariris Novos, em oração, austero, eremita, definitivamente anacoreta.

## ANTES DA MORTE

Aqui no a'sênũ todos dormimos cedo. Bebemos a mesma água de pote. Comemos ritualmente no mesmo horário, e uma vez só ao dia, o pão dormido. A deliciosa ambrosia traz ovos de cobras chinesas em leite amargo de besouros de enormes mandíbulas liquidificados com mamona e tinhorão. Nossas peles são curtumes. Temos frieiras nos pés e as unhas, ainda que enormes, estão sempre enfraquecidas. As mentes, quando não estão vazias, recuperam apenas a memória do agreste e os corações, sempre secos, como bem mandam a moral e os bons costumes. Nosso ar tem cheiro acre. Nossos beijos são desagradáveis e degradados. Nosso humor contraria seitas e incomoda também ímpios. Quando sorrimos, há sarcasmo em todas as direções e por coisas por demais mesquinhas ainda que por motivos óbvios de castidade. Aqui todos os poetas são honrosamente maltrapilhos e simbolistas e a arte-maior segue as formas rígidas da poesia triste. Aqui, como de costume, o ser é tão simplesmente desprezível. Aqui, nem é sertão nem mar. Aqui, nem há dilúvio nem apocalipse. Aqui, a laje cobre nosso corpo nu de há muito decomposto.

## DESVARIO

a'sẽu, zona ruralis de Iguatu, chão de terra batida. Conheci caminhos de cabras e da roça. Um dia minha vó brazi' lina me ensinou o caminho da capella, na verdade, o caminho das pedras. De primeiro, memorizei o caminho da capella, no outro dia já sabia tudo de cor. Então, voltei sozinho à capella, a do a'sẽu, e vi uma folha branca, tão alvíssima como a cor dos santos, ali solitária, jogada no chão de terra batida. Nela, refiro-me à folha branca, algo muito me impressionou, sei lá, talvez, fosse mesmo hieroglypho ; não quero tirar a palavra da boquua, mas achei que, na folha branca, em branco, havia uma voz enigmática de repentista. Certo é que não sabia nada de notas musicais, e o que havia de aparente escrito, para mim, ainda criança, eram versos brancos, versos chãs de repentista, mas nada que alcançasse a compreensão. O que me importava, em si, era aquela folha branca emborcada, pisada, sem que ninguém a pegasse sem sofrer risco de corte profundo e mortal, tal qual talho na carne de gado no matadouro. Durante dias, via e entrevia a folha branca de boquua para baixo, no chão de terra batida da capella, sem que ninguém ousasse seu desemborcar, sem que aparecesse um só cristão que desemborcasse a folha branca, em branco, sem que ninguém ousasse cometer a transgressão do desvario.

## ENVIASADO

O que há de mim na Capella da Telha? Não sei, mas a pergunta me ajuda a me distrair. E se penso enviesado sobre o que há da Capella da Telha em mim, isso me desalinha e me desvia ainda mais de Deus e me deixa strabique. Se não fosse a obediência à amoestação paulina de minha mãe Pe' d'rina, que nasceu no Cedrinho de Açúcar, hoje, decerto, seria frei, frei da Capella da Telha, claro. E sendo frei, muita coisa poderia ter feito a favor de sorores e hoje também saberia louvarom, supricar, e até cultivar unicamente as coisas do Espírito. Minha fé, porém, não foi a de um carvoeiro, a mesma fé do vô siri'aku, minha fé retangulou a capella, adiou a sacristia, me encheu a alma de arzila, me secou a alma e me deixou desamparado ao sol, abobadado, digo, abobado. Hoje, minha fé, diante da Capella da Telha dos oitocentos, é a má-fé, e me faz agora, anos 2000, vaguear ao redor da Telha, botar a alma pela boquua, a alma de alma perdida, a maldição dos perdidos.

## IMBRÓGLIO

Minha voz agora adstritivamente embargada nem sempre foi tão assim embaraçada; ao contrário, já me foi um dia, a minha voz, a voz genuína de natural da Capella da Telha, tão somente incontida, solta, álaque (quão murmurante esta palavra em Os Sertões de Euclides da Cunha!), libeltaire. Compreenda, então, señoira, estar assim só e sofrido me interdita todos os sons de minha fala agora lastimavelmente inaudita. Compreenda do meu dito no não dito, do amor interdito que denuncio ausente, tão ausente em mim, neste enredo confuso, neste teatro do mal-entendido. Minha solidão tem sido assim infelizmente silenciária, sentencialmente dano imoral e inconfesso e ao mesmo tempo imbróglío nesta teia de estorvo de dores dos homens mudos, tristes e aflitos do mundo inteiro.

## DISSABOR

Sol a pino. Na Capella da Telha, o silêncio da tarde tinha cheiro de kaa'tinga. O silêncio da tarde silenciava as vozes dos bichos e lavoureiros. Num ai crepuscular, ouvi gritos de horrores, ouvi clamores e roguos vindos do roçado, ai, guay, ay. Era minha mãe Pe'drína Maria da Silva, lavandeira, natural de Fazenda Cedro, aos gritos pedindo ao vô siri'aku para não castigá-la. Naquela tarde, houve ataque de papa-arrozes, digo, pássaros-pretos, digo, vira-bostas, na lavoura de ar-ruzz do vô siri'aku. Ouvi as chicotadas plaft! pleft! Meu vô rumorejava como Ares com seu chicote de couro para açoytar minha mãe Pe'drína. Desesperado, corri rumo ao roçado, um imenso vazio de door. Passamentei de dor, aflicçom e enojo. Minha vó brazi'lína Maria da Conceição, tão resignada, apenas rezava o credo em cruz. Ares era meu vô siri'aku, digo, meu auolo era arruá, meu auóó era cabeleira, meu auoo era carrasco, meu avoo era lobal, meu abõo era escalfúrnio, meu auuo era imisericordioso. siri'aku é nome de santo, São Ciríaco foi perseguido e decapitado no ano de 303, Francisco siri'aku da Silva é meu desauóó, meu desauoo, meu desavoo, meu desabõo e meu desauuo.

## POÇA

Minha hestoria pode ser inventariada, digo, inventada, mas a da Capella da Tella não é estorya da carochinha ou para boy dormir. Nunca inventariei rrããs nem árvores-tristes nem desestoriei minha palaurra nem arquitetei a poça dos entristecimentos do sítio a'sênũ; todauja, é verdade, a azedia da Capella tem muito das minhas alebranças, verbi gratia, das pueris lambeduras que fiz nas escoras rochosas do mũdo, especialmente as do estuque que reveste as almas penadas do a'sênũ desa'sênũso, meu mũdo. Ao redor de mim, derredor à Capella, cresceram epífitas e cipós mais fortes que minhas estrias e pregas , cresceram urtigas e carrapichos mais fortes que meus versos e metáforas de hoje em dia, e minha veiedade de há muito encravou-se no arco-cruzeiro, sim, lá no arco da Capella, coberto de mágoas e dores da infância perdida. Assim, é bem certo que, com o passar dos anos, naturalmente refugiei minha afronésia mórbida, a que me acomete desde cryamça, na cúpula da Capella e, se me faltam hoje em dia as forças da logicidade, digo, a dialogicidade humana, comumente me refugio nas cavidades mais nauseabundas e toucinhentas do riacho da Carnaúba. Em mim, tem sido assim: à medida que o tempo passa, telho minha palavra, meu direy, centellho minha vyda e, como posso, deixo o tempo levar a sujeira para bem longe de mim e da Capella. Ocorre que o tempo não se encarrega de levar a água parada que me reveste a alma perdida, e o que há em mim já me empoçou de vez os aboquejos do que aprendi e desaprendi com minha vó brazi' lĩna, minha mãe Pe' d'rina e com minha tia rica frês' k'ĩna (ó xentes, isso é a cara dela!).



## SAUDADE

A saudade me telha. Sei, porém, que toda saudade de gente não prospera por muito tempo, logo volta a ser barro argiloso e malcozido. Bom é cozer saudades. Ah, se eu fosse telheiro de saudades seria tão prazenteiro. Bom, isso eu sei, é deixar na saudade o sujeito agente, e a gente já nascer telha, terroso, amundiçado com a cor da capella da Telha, a que foi erguida nos oitocentos com argila bem amassada e água benta. Saudade que telha gente é, na certa, malfazeja, bom é nascer telha e ser gente, gente com humanidade, quis dizer, umidade, ou melhor, estou tentando prosificar unidade, assim, digamos, com o quengo sem fendo, que cumpra a Palavra da Capella: “Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris” (“Lembra-te, homem, que és pó e ao pó voltarás”). Telha, a que vem de saudade, é só ancoradouro, não tem guarda fiel das moradas, não tem Deoses Lares que enfrentam, por nós, o contradança do vento sobre nosso telhal. Se eu não tivesse a vocação para ser telha, contentar-me-ia em ser pedra ou estaca, queria, sim, ter o poder de me destelhar, de me quebrar, mas não me desfazer; me despedaçar, nem por isso, mas jamais poetar para não me delinquir.

## LÁPIDE

Aqui no sítio a 'sênu todos dormimos cedo. Bebemos a mesma água de pote. Comemos ritualmente no mesmo horário, e uma vez só ao dia, o pão dormido. A deliciosa ambrosia traz ovos de cobras chinesas em leite amargo de besouros de enormes mandíbulas liquidificados com mamona e tinhorão. Nossas peles são curtumes. Temos frieiras nos pés e as unhas, ainda que enormes, estão sempre enfraquecidas. As mentes, quando não estão vazias, recuperam apenas a memória do agreste e os corações, sempre secos, como bem mandam a moral e os bons costumes. Nosso ar tem cheiro acre. Nossos beijos são desagradáveis e degradados. Nosso humor contraria seitas e incomoda também ímpios. Quando sorrimos, há sarcasmo em todas as direções e por coisas por demais mesquinhas ainda que por motivos óbvios de castidade. Aqui todos os poetas são honrosamente maltrapilhos e simbolistas e a arte-maior segue as formas rígidas da poesia triste. Aqui, como de costume, o ser é tão simplesmente desprezível. Aqui, nem é sertão nem mar. Aqui, nem há dilúvio nem apocalipse. Aqui, a laje cobre nosso corpo nu de há muito decomposto.

## UBIRAQUÁ

Ao longe, vi meu vô siri'akũ debaixo de uma árvore. Dormia como uma pedra, uma pedra presa ao tronco de uma frondosa e anosa oiticica, a verdadeira. O sol sumia, e vô siri'akũ arranchado ao pé da oiticica ramalhuda, num crepúsculo sem queixumes. Vô siri'akũ dormia muito, com cabeça pendida para direita, como se estivesse olhando os pés calosos e chatos, com boquua entreaberta, debaixo da prócera oiticica. Vô siri'akũ, ali dormindo, vegetava como a oiticica; ao longe, parecia-me uma ubiraquá, com suas escamas negras, escondida no roçado sombrio, onde a oiticica trescalava um estranho cheiro de flor-cadáver, coberta de insetos, mosquas e besouros, que me entristecia de enojo, medo e saudade.

## ESPIGAS

Vô siri'aku tentou me ensinar a arte de desbullar millo. Desbullar mesmo nunca aprendi, mas esbagoei munto mylho. Estruí sim, deixava cair, propositadamente, os millos no baixio para ver florecer novas spigas. Quão difícil é desbullar, o aislhado dos grãos do mjlho. Fascinante era ver, seis meses após a plantaçom, as spigas de millo florescerem no lavradio do vô siri'aku. Que fascinante, que magia, como as espigas cresciam, como se amarelavam e cam curiosos eram seus grãos dentados amarelos! O sabugo branco munto nos servia na higiena anal. Tempo bom era o da colheita de millo verde, o do milho sem pudreduum, sem mofo do olho azul. Acho que era o zênite que amarelecia as spigas de mylho. Via, na minha emfancia, no lavradio do vô siri'aku, o mylho espigar; via, tã bẽ, no lavradio do vô siri'aku, os botões de me'rie, via me'rie agitar seus cabelos negros da mesma forma como as spigas agitavam seus louros cabelos.

## MELANCIA

Bẽ que tentei comeer, mas nunca provei balancia. No lavradio do vô siri'aku, balancia tinha aos montes. De montão, via, mas não provava, tã bẽ, jenipapo, maracujá e caju. Em montão, via e já comia com os olhos manguas, guoajabas, azarolas, e as esbranquiçadas bananas-maçãs, sempre tão cheirosas. O que me impressionava mesmo eram as mosquas contaminando as guayabas: via os himenópteros, especialmente as formigas, devorando as gaiabas do vô siri'aku. Das frutas que encontrava no lavradio do vô siri'aku, logo repugnei, mesmo sem provar, as rechonchudas melancias: para mim, só em serem rasteiras já perdiam o sabor; suas folhas ssẽpre presas a outras prantas, ssẽpre tão carnosas, com seus ovários avermelhados e doces, realmente, tudo isso me causava um enjoamemto, meu Deos, que fastyo, que ffastio... Todauya, meu vô siri'aku ssẽpre insistia: coma, visẽ' tiju, balancia é boo para matar os vermẽes, búú pra vermen, boons pra uermees. Da minha parte, reagia ssẽpre assim: eca, vô siri'aku, tenho nogos, noio, noyo, noja de balancia! No lavradio, vô siri'aku só me falava de boquua cheia, com grandes pedaços de balancia na bocha. Assim, criado no Sítio a'sẽnũ sem comeer balancia, logo fiquei com cara de vellos, magre, desidratado, sem vitaminas, sem musclos e com muita dificuldade para durmyr e aprender o abeçe.

## SABUGOS

Até meus cinco anos, não conhecia um rolo de papel higienico. Aliás, o asseo das partes era feito nas águas abundantes do riacho *karne'ubø*. Folha de papel só vi a da certidõe de nascimento do vô *siri'aku*, tã bẽ a çertidõe da vô *brezi'fine*, a certedũe de minha mãe *pi'drine*, a certidões do tio *'nøu*, a certidioen do tio *vi'sėti*, mas nunca vi certidão de terra feita por tabeliães. Não havia banheiro no Sító *ø'senu*, só mato. Desde cedo, aprendi a obrar no mato, a comer milho e a fazer bom uso dos sabugos. Passei minha infância comendo millo cozido, minlho assado, fubá de mylho e vi palha de mjlho para enrolar fumo do vô *siri'aku*. Minha vô *brezi'fine* fazia boneca de sabugo de milho para minhas primas. Para mim, partia o sabugo ao meio. Mandava eu correr atrás das galinhas e trazer duas penas para botar bem no centro do sabugo. Era uma peteca e eu a jogava pro cééo e parecia mais uma libélula no ar. Na sala grande da casa dos meus abõos, sempre vi muito milho verde no canto e via tãobem uma grande panela de barro sempre cheia de spigas de milho sem casca para limpar as nalgas, digo, as nadigas, as nadeguas dos que evacuavam. Todos nós descomíamos muito.

## TOUCINHO

Aqui na Telha tudo era pé no chão. Só da capital para Telha, era de trem, com maria-fumaça tocada a fogo. No comércio da Telha, predominavam os armazéns de carne seca e toucinhos. Ninguém do sítio a'sênv sabia de brilhantes, ouro, sedas, berloques ou perfumarias. Sabíamos unicamente sobre o de-comer: carne seca, lombo de porco, toucinhos, curimatãs e piaus. Sofríamos dores terríveis no estamagu. No meu caso, franzino, pouco comia e descomia o bom cozido, couves e nabos, toucinho e abóbora vermelha quase não provava nem saboreava torresmo, sarrabulho, e sempre fui assim, uma criança magra, ruim de comer. O Sol a pino cintilava raios de fogo sobre o chão do sítio a'sênv. ma'ria, meu primeiro amor, era meu sol, tão roliça, risonha, corada, dentes claros, e olhos castanhos, com roscas no cangote de tanto comer toucinhos. O cangote de ma'ria tinha odor de toucinho. A boquua de ma'ria tinha cheiro de couve com toucinho. A vida no sítio a'sênv tinha gosto de chouriço de quarta e não precisava de sal. A vida no sítio a'sênv era, todauya, insossa. Nosso suor era nosso de-comer, nossa salmoura.

## DESCOMER

É de mim. Desde criança, fazia força e nada vinha. Uma vez tentei cagar na posição deitada como as vacas leiteiras, mas fui imediatamente repreendido pelo vô siri'aku: visê'tjnu, visê'tjnu, ô menino maluvido! Finalmête, não aprendi a me aliviar. Desistir era meu calvário. Quando atacado de alguma dor de barriga, corria para o mato e sempre em companhia do meu vô siri'aku ou da minha vô brezi'tine porque temia, ao sujar, aparecer coobras e me stripar. Quando demorava a descomer, meu vô dizia assim: visê'tjnu tem stentinos preguiçoso, tem bosta dura e seca, como pode fazer a expulsão? Todauya, não tinha perda de apetite, dor ou câibras, o que tinha mesmo era falta de anymo e nunca entendi porque minhas fezes tinham fedença. Todos falavam mal dos meus stentinos, mas eram meus stentinos que me comunicavam com o húmus do sítio. Não me importava com burburinhos maldizêtes, pegava meu curuzu e adubava o sítio e, assim, vi as queridinhas orquídeas crescerem vibrantes, frondosas e belas. Vi borboletas de asas coloridas cintilando cóóres, com suas asas para cima, depois que degustavam minhas fezes. Não tinha nenhum asco em ver monturo de fezes putrefactas. Admirava minhas boletas duras. Lembravam nozes. Quando descomia no terreiro, emporcalhava a terra de fezes fedorêtas. Nunca caguei em forma de coovra. Enquanto cagava, me deslumbrava com os voos dos besouros e imaginava fazer também meus voos planados.



## PÔR DO SOL

Na Terra, o pôr do sol existe. Na lua, também, há o pôr do sol. O pôr do sol brilha tanto no sertão. O vermelho e o laranja são as cores do entardecer no sertão. O pôr do sol só é o caso no sertão. Por acaso, nos anos sessenta, do quintal da fazenda, lá no Sítio Telha, eu via quando o sol desaparecia completamente no horizonte, quando todos chegavam ao acaso à fazenda e se abancavam com seus arroubos: os lavradores, os vaqueiros, os violeiros, as crianças, e todos chegavam à fazenda para saborear tapioca com café, e comiam tanto e se comiam no entrecruzar dos olhares, e na hora do jantar, comiam carne de vaca gorda, e entrecruzavam os olhares, e comiam pirão escaldado e alguns, ali na varanda, me pareciam tão saciados, e tão lânguidos, armavam as redes grandes e roncavam nos alpendres da fazenda. Eu e minha tia 'xita olhávamos para o céu, e o céu era liso como um espelho. Sempre fazia às vezes de astronauta, e todos riam, e eu sabia, como ninguém, contar todas as estrelas do céu, uma a uma, as do céu limpo como um espelho, e com as minhas mãos quase cerradas, fazia uma espetacular luneta para desvelar o rosto poderosíssimo de Deos no céu de safira, o rosto de um homem velhusco, o rosto de homem com uma longa barba, o rosto do todo-poderoso, segurando o livro sagrado e revelando unicamente a mim, a sete chaves, o Espelho de Próspero.

## PUREZA

O que há de mais puro no sítio a'sênũ aqui te ofereço: as coisas que meus olhos não viram, os meus pés descalços e tropeçados de cansaço e os meus cabelos pueris, fartos, pretos e cheirosos. O sítio a'sênũ foi mundiado de rãs, caiporas e ko'piñã. Sou ko'piñã por parte do meu vô siri'akũ. Os que nasceram no sítio a'sênũ logo foram empurrados pelos braços do Destino. Muitos não arredaram o pé do sítio. Aqui, estão os doces olhos da vô brazi'liña e o rosto infinitamente belo de ma'ria. Aqui, há uma vereda feita pelo vô siri'akũ com a força robusta de carvoeiro contra muitas e estranhas forças malignas, as forças horrorosas dos caiporas e das rãs enraivecidas. Aqui, no sítio, quando o sol nasce, os bicos de tico-ticos, sempre forasteiros, abrem-se em duetos intermináveis. A pureza do sítio vem do grasnido das rãs, a pureza vem do guizalhar das jararacas-da-mata rastejando sobre as folhas da caatinga, a pureza vem do primeiro beijo que dei em ma'ria... Quanto a mim? Búú, boom, não haveria aqui de falar de mim mesmo. Sei que um dia minha alma se encontrou com a de ma'ria. Fora daquele instante, trastejei pelo sítio a'sênũ, à força de mexidos e saudades de ma'ria.

## QUARTINHAS

No sítio a'sênu, encantavam-me as quartinhas d'água. Em todos os casebres dos ko'pĩna, havia quartinhas, de barro bojudo e vermelho, de gargalo estreito, e com água fresca de beber. Na fazenda da tia frẽ s'kĩna, filha mais velha do vô siri'akũ e da vó brazi'lĩna, havia uma fila de quartinhas d'água sempre tampadas. Era uma tia riqua. Aquela fila de quartinhas d'água combinava bem com os almaryos, archas, pirins, taalhas, rripias e telladas da fazenda. De fora da fazenda, havia um vasto terreiro de cor escura, turueís mansos e tristes próximos a chiqueiros lamacentos onde refocilavam porcos, espojados na terra e na lama, bezerus, cabras e galinnas que se engordavam na terra batida. O sítio era tão seco. Acho que as quartinhas da tia frẽ s'kĩna serviam para prender as águas fugitivas e ligeiras do sítio. Vez poroutra, de um quartinho da fazenda, tia frẽ s'kĩna me dava uma ordem: visen'tji, corre ally e pega ly uma quartinha d'água, estou em brasas. De logo, eu pegava a quartinha, colocava água no copo e colocava-a em seguida na mesma fila, com o mais lídimio orgulho de ser sangui dos ko'pĩna.

## RIACHO CARNAÚBA

Nome de santa eu não digo. Fica então o dito pelo não dito, o interdito. Certo é dizer, para não dizer ditos, que precisava atravessar o Riacho kaɣna'uba, no Distrito de alēĩ'kax, sim, o nome do escritor, ádito dos “ko'piɣa” (meu vô era pescador e andava com peixeira e tudo!) na capella da Telha. Precisava ir da casa-grande da minha tia rica, a da barragem, a das reses, para o casebre da tia pobre, a do açuda, a do piau, a do pirão escaldado. O Riacho kaɣna'uba, tão perturbador, tão sedutor, tão caudaloso, mas eu não tinha idade nem força para vencer a correnteza. Além de não saber nadar contra a correnteza, tinha medo de caiporas e curupiras e tinha medo de arranhar a testa para sempre com os galhos secos de jurema e mofumbo, que escorriam na água doce do kaɣna'uba. Minha tia, a rica, pediu a moça branca, a do nome de santa, para me levar, aos seus cuidados, para a tia pobre, e atravessar a nado de uma margem para a outra. Ela, a moça, sempre tão branca, antes, e com tal zelo, segurou-me firmemente as mãos e levou-me ao seu colo; depois, num átimo, aproximou-me de seus botões e dela exalou o cheiro bom vaginal e, encantado, sei lá, estranhamente tão feliz, livre e vivo, segurei-me em seus braços fortes e olorosos, segurei-me nos seus braços brancos com todas as forças do mundo (e de olhos fechados), e com meus lábios de menino sabido me agarrei avassaladoramente nos botões da moça branca. O riacho ganhou volume, vi caiporas e curupiras, e, no entardecer, adormeci nas margens do kaɣna'uba e a moça branca, a moça com nome de santa que eu não digo, dormiu nua sobre palmas verdejantes das kaɣna'ubas frondosas e meu coração, ali, bem no fundo do riacho.

## RIACHO DO MOSQUITO

Ouvi um dia, de certo, no ano de MCMLXVII, meu vô siri'akũ sussurrar suas confidências para minha vó brazi'liña igual ao murmuramdo do Riacho do mos'kitũ. Não me alembro as confidências do vô siri'akũ, mas me alembro do murmurãdo do riacho entre pedras lodosas. No ano de MCMLXVII, tinha os olhos quietos de uma criança tristis e sem pai. Pois bem: diante do riacho, meditava mais sobre as noites do que os dias, via nuvens sem sol e ouvia o murmulho triste do riacho do mos'kitũ. O riacho me inspirava e paradoxalmente me extinguiu como ser. O riacho me arrebatava e me enchia de tresteza, digo, tristiza, e melancholía. Minh'alma de menino *tristis* era a de uma fror suspensa à beira do riacho caudaloso e ingrato, ao mesmo tempo gracioso, de água doce, um espetáculo crepuscular.

## SERTÃO

Sou filho do sertão. Sou filho da terra estorricada. Vi cães morrerem famintos no sítio a 'sêñ (meu Deos, tã bẽ a fome nos apertava o estomago!), mas vi tempos de fartura na tia frês 'kiñ a, casada com homem rico da 'xffsa, lá, sim, comia doces, bolos, beyjùs, pamònhas, leite quallado e queygios do sertão. Quanto ao meu nacimẽto, vim ao mundo pelas mãos de sinhá brazi 'liña , minha vó. Vim ao mundo com as costelas quebradas sem poder remediar. Né verdade, vô siri 'aku? Naqueles tempos, estrelas cintilavan no puro campo do cééo, o ceõ tinha uma claridade mística e suave. Os homens escondiam as mulheres bonitas. Os homens tinham ideias estéreis e viviam em completa solidão. Éramos seres brutos. O sertão era bruto. Mesmo assim, o sítio a 'sêñ era minha a 'sêñlândia, meu Sertão, mesmo estagnado pela fome e miséria.



### 3ª PARTE

#### As grasnadas dos bichos

“Immediatamente ao grasnido do amphibio, appareceu no buraco a enorme cabeça de uma cascavel, que fitou no sapo a pupilla scintillante. Desde muito tempo cevava aquella serpente, que entrava no seu plano. Com uma forquilha, da posição em que estava, facilmente conseguiu prender a cabeça da vipera e agarrando-a pelo collo sem importar-lhe a sanha com que ella silvava, estorcendo a cauda e açoutando-lhe o rosto, deitou a correr por dentro do cannavial.” (José de Alencar, **Til**, 1872, p.177-178)



## A FESTA

No anoytecer, meu vô siri'akũ rompeu um grande bráado. Tão dócil, minha vó brazi'liña o acompanhou na pocema e minha mãe pe'drĩna chorou. Ouvi o bimbalar do sinos da capella do sítio a'sẽnũ. Os patos e as rrããs granavam tautocronicamente. O gado mugia. As ovelhas baliã. Meu vô siri'akũ estava de roupa agaloada e nossa casa nadava em luz de lampeão. Eram tantos os fogareeos. Viva Senhora Sant'Ana! Em MCMLXVIII, bem longe da Missão da Telha, lá no Recife, a casa de Dom Hélder Câmara era metralhada. Meu vô siri'akũ, tão alheio ao horror do AI-5, de braços soltos, iniciava a recitação de 1 Coríntios 13:2 e todos nós simplesmente fazíamos coro no refrão: "A fé move montanhas"

## ARGUEIRO

No ano consagrado à Senhora Sant'Ana, antes do alvorejar, minha vó sá brazierina acendeu o lampião e soltou, horripiláda, um grito primal: acuda aqui, siri'akũ, nosso neto visẽ'tĩ, filho de pe'drĩna, está com cara de mamão-macho, retangulou a caraça e está com a capella dentro do olhos. Foi um Deos nos acuda, e minha mãe pe'drĩna, que nasceu na Fazenda Cedro, começou a rezar o creio em Deos Pai, meu vô siri'akũ também disse, em voz alta, frases estranhas como “kredo kwia absurdum” e “kredo ut intelligam”, e ninguém conseguiu tirar a capella dentro do meu oolio. Nunca ninguém quis saber meu ponto de vista, e no ano de MCMLXXI já tinha a presumida idade menineira do abusos, pois teria detalhado o acontecido com todos os pontos e vírgulas, pois ninguém tem ideia do que é ter no olho uma capella, digo, crucifixo, cálice com tampa, castiçal e muro de pedras dentro do holhos. Depois desse acaso, por obra e graça do meu vô siri'akũ, fui arredado da Telha para entender bem longe, lá pras bandas da Aldeia do Brejo Grande, a revelação de minha vó brazierina: “E por que vês o argueiro no olho do teu irmão, e não reparas na trave que está no teu olho?” (Mateus 7:3).

## CAIPORAS

Lagartos, rããs, cobras e caaporas, sim, me metem medo. Falo deles como se fossem meus inimigos, por isso nunca os toquei nem os enfezei nas noites de gaiatadas. Sofro, desde cedo, das irracionais phobías, sofro, segundo os psychiatros, de herpetofobia, batracofobia, ofidiofobia e espectrofobia, em seus estágios avançados de insônia. Tenho medo, sim, dos répteis peçonhentos e das chamas de fogo dos caaporas, e não ousou encarar os bichos-papões. Minha vó brazi'lína me abarbarizou cedo, me encheu de medos e credos, por isso vejo lagartos, rããs e cobras gigantes, escuto grunhidos de bruxas e me apavoro com os gritos histéricos de papões de meninos. Minha vó brazi'lína dançava chulas, sabia dançar kururua'pe, minha vó brazi'lína contava e recontava em voz alta as estoryas de Trancoso. Vô siri'akú sabia, sim, tocar gaita, mas me parecia tão desafinado, e não deixava lagartos, rããs e cobras dormirem. O vô siri'akú me estourava de rriyr. Na Capella da Telha, passei a infância vendo muitos caaporas que me deixavam arrepiado e sem vontade mais de pregar os holhos.

## CAIPORICE

'bɛɪsʊ, 'vo siriakʊ? Um maldito caipora, menõo! Caipora era uma luminância incerta que surgia inesperadamente na mata do sítio a'sẽnʊ, e como dizia meu vô siriakʊ, uma craridade feita por gabiroto. Vô me dizia que o sopro de Caipora era mortífero, destruía roçado, assombrava vaqueiros e jagunços. Caipora ensurdecia o sítio a'sẽnʊ. Com caipora por perto, vô siri'akʊ se recusava a falar, alegando ronquem. Quando resolvia enfrentar caipora, pegava seu bracamarte, atirava pro alto (alto lá!), metia medo nos bichos do mato e encovava o capirote. Caipora, todauya, é uma entidade que aparece e desaparece quando quer, e se desencova, piora o terror entre os lavroeiros do sítio. Ocorre que o guerreiro siri'akʊ tinha um bracamarte que protegia do caipora do sítio, que se apartava do nosso caminho. Diziam que vô fora caipora antes de conhecer minha vó brazi'liñ a, mãi d'agua. Era um caipora-trovão. Mas cansada de caiporice do vô siri'akʊ, vô brazi'liña , desabusada que era, um dia bateu o martelo: Basta, 'fikʊ! Aí, a caiporice acabou.

## CIRIACO

Meus vós maternos eram católicos. Católicos apostólicos romanos. Na capella da Telha, havia uma capella de palha onde minha vó brazierina rezava todos dias o terço da Misericórdia, um terço de Ave Maria e o Ofício de Nossa Senhora. O nome completo da minha vó era brazierina maria da kóusei'sěš. Meu vô tinha nome de santo também: siri'aku, o mesmo de são Ciríaco de Roma, bispo e mártir cristão, no século IV. Meu vô de nome frě'siskv siri'aku da 'siuva sempre tinha o dom da palavra e dizia aos ouvintes da Palavra de Deos, na capella de palha, que na Bíblia não havia folhas em branco. As folhas da Bíblia eram verdes e de oliveira. Na Bíblia, segundo meu vô siri'aku, nome de santo, as folhas da bíblia naturalmente se agitavam; outras folhas eram arrebatadas pelo vento; outras folhas, então, não caíam de árvores; e outras jamais murchavam. Na Bíblia, segundo meu vô siri'aku, os anciãos septuagenários tinham cabelos brancos. Na Bíblia, as vestes dos sacerdotes eram brancas. Na Bíblia, somente o trono do Senhor era branco; lá, naquele Lugar, somente o Senhor, a autor da vida, ressuscitou dentre os mortos. Nunca tive outra sabença senão a da sabedoríia da Biblia.

## ESCONDERIJO

Vô si'riaku foi meu Ἡρόδοτος do Sítio a'sênũ. Contava-me dos animais fabulosos e dos nossos ancestres, os que construíram o açuda do go'veynũ. À tardinha, contava-me sobre caiporas e ficava aterrorizado. Depois, num átimo, levava-me ao último quartel do século XIX, e historiava sobre os ancestres dos ko'pĩna, todos pretos, sob açoites terríveis sofridos, durante a construção do açuda do go'veynũ. Na versão do vô si'riaku, nossos ancestres, quando retornavam da lida, dormiam próximo ao Riacho dos mos'kitus, um flagelo de escravos, um flagelo dos mosquitos. Os causos do vô si'riaku sempre com a mesma moral da história: “Contudo, muitos primeiros serão últimos, e muitos últimos serão primeiros.” (Mateus 19:30). Ali, no Sítio a'sênũ, depois de tantos anos, bem na mata da Telha, vivíamos aynda entre apertadas casas de taipa, cheias de medos, gritos, choros, dores, inquietações, mosquitos, cobras e lagartixas. Credo! O sítio Aceno não tinha nada de paraiisso: era nosso esconderijo!

## FILHO DE CAIPORA

Em MCMLVI, o judeu teria completado seu centésimo aniversário de vida. Naquele ano eu não era nascido, mas o estema dos “ko'pīnas” dominava o sítio a'sēnu na Telha. Minha vó brazieriã tentava esquecer os dias difíceis de seus pais na construção do açuda do go'veynu. Meu vô si'riaku se recusava a esquecer os tempos da espravaria. Com medo dos caiporas, minha mãe pe'drīna se escondia nas caieiras do vô si'riaku. Os caiporas se disfarçavam em cobra-verde e jararaca-da-seca. Vô si'riaku judiava minha mãe com castyguo sem ver pra quê. Minha minha mãe pe'drīna enterrava a judiaria do vô si'riaku nas caieiras, mas logo voltou a encontrá-la, em MCMLXI, quando nasci, filho sem pai. Minha mãe pe'drīna nunca pegou os caiporas. Será por isso que cresci sem meu pai kaa'pora, uma divindade suprema do sítio a'sēnu?

## INOMINADOS

No começo da Capella da Telha tudo era mato. Da parte do meu vô, mato bom; da parte de minha vó, mato mau, porẽ tudo mata inominada. Afora Deos, afinal, Jeová já era Deos, bem antes do desenlace da Capella da Telha, Jeová era o Deos Todo-Poderoso, adorado por todos como o Deos de Abraão, o Deos de Isaque, o Deos de Jacó. Havia Deos, mas não havia religião, cõ tudo não havia nenhuma heresia, todos eram tementes a Deos. As gentes não tinham nome de batismo, todauya todos eram exodiários da terra chã. Meu vô sirí'akũ era conhecido por guaiaco, mays dada a difícil pronúncia do seu inominado, desde pequeno era mais conhecido por pau-santo. Minha vó brazí'lína era a belíssima abrina, mays todos a conheciam, jocosamente, por olho-de-cabra. Minha vó era muito engraçada. Minha mãe pe'drĩna era bonina, carinhosamente chamada por todos de bela-margarida. Minha tia frẽs'kĩna era chamada abutinha, poren, não sei o porquẽ, talvez, por seu jeito faceiro de tentar dar nome às coisas, era chamada simplesmente cipó-abacate. Minha tia Rita era chamada amódita e não havia nenhuma motivação para esse alcunho, a não ser o engraçado do zigue-zague de suas conversas moles. Meu tio vi'senŋi era antófito, todauia em respeito à esdruxularia do seu inominado ficou sendo antófito para sempre. Tio 'nẽu, conhecido por bétel ou Betel, também chamado pelos mais próximos de noz-de-areca. Mesmo tementes a Deos, o entusiasmo era pouco, vegetávamos, mas não éramos vegetarianos. Eu, claro, não havia nascido, mas já era um sobrinho antófito.



## TELHA DE ARANHA

Ninguém na capella da Telha, quer dizer, nenhum filho de Deos, ainda que nascido feito, ou tendo já morrido, por algo dito ou amaldiçoado, sabia plenamente o abeço. Malgrado minha assertiva, sendo natural da Telha, o cristão já vinha ao mundo com estirpe, digo, estipe, enfim, com a sabêeça de filho do sol e neto da lua; por isso, não há lugar aqui, nesse entrevero, para dar ocasião aos adversativos majs, cõ tudo, os adversativos com tantum, porê, todauia, porque na Telha todos tinham a sabêeça telúrica, digo, telhúrica, de natural da Telha. Para não prosificar muito com versos brancos ou soltos, posso lhes contar que meu vô siri'akũ, da temida tribo dos “ ko'piña”, reverenciado pelos mestres de capella, sabia de tudo um pouco, até falar das teas de arãhas. Ultracorreto no seu português medieval, meu vô siri'akũ, de sobrenome 'siũva, falava com e em aranha-das-telhas e os mais sabidos do sertão emendavam assim, seu siri'akũ, o certo é sua senhoria dizer aranha-das-casas; aí, com sua sabêeça desabusada, meu vô dizia que sabia como ninguém de todas as species de artrópodes aracnídeos, das suas glandes, digo, glândulas, dos buchos envenenados dos bichos, revelava ter sedas no coração e dizia ainda que aprendera tudo das arãhas ouvindo as palavras de Jó e as pprofeçias de Isaías, as pprofeçias do soffrer da humanidade. Desde cedo, descobri que as arãhas do sertão tinham suas sedas, seus peligros.

## INCREDIBILE DICTU

O que tenho a dizer só pode ser dito em latim ou grego antigo: “incredibile dictu “, assim em latim, porque é derradeiramente incrível ter que dizer que, depois de Deos, o Deos que sopra no meu nariz e nos narizes da Humanidade, quem manda e desmanda no mundo agora é Δέλτα, irmã letal de Άλφα, Βήτα, Γάμμα. Por isso, assim que der, assim que o mundo se descovidar e não correr mais risco de me resfriar, voltarei à capella da Telha. Lá, vou ser benzedor e telheiro, vou me persignar e retelhar a capella com telhado vermelho e reerguer a torre da capella, deixá-la a mais alta de Telha, e de tão alta, com obelisco e tudo, há de ser a mais alta do Alto Jaguaribe. Lá do alto da capella, a da Telha, abrirei fendas para espiar, de dia, o quid do tânatos; à noite, acenderei velas e queimarei o id inato do nosso irracionalismo adnato. Na capella da Telha, é assim mesmo: o benzedor, se telheiro, também há de ser decuriato.

## URUBUS

Primeiro nome de ave que aprendi a soletrar foi 'orubũ. Trissílabo de agoiro. Argh! Se eu soltava gritos primais de menõ travesso, meu vô siri'akũ logo me esculachava e me dizia que eu piava como 'orubũ quando está devorando carne podre. Mas admirava ver 'orubũ devorando carniça, esvoaçando em círculos, subindo ao ceõ e procurando carniça por toda parte do sítio a'sẽnũ. Minha vó brazi'ĩna me contou, um dia, que em MCMLVIII, ano de seca braba na Telha, todos do a'sẽnũ passaram fome, foram dias horríveis, sem o de-comer, sem água para beber, e viu os 'orubũs bicando mortualha. Na grande seca de MCMLVIII, os 'orubũs eram vorazes e quando piavam, no crepúsculo e ao alvorecer, era sinal de que todos ficariam varados de fome.

## ACASALAMENTO

No Sítio a'sênũ, sempre gostei de spyar o acasalamento das rrããs. O a'sênũ era o santuario para as rrããs perpetuarem outras rrããs. Cria que as rrããs eram as criaturinhas mais sensuais no reino animal. As rrãã-machos se escanchavam dulcifluamente nas rrãã-fêmeas. As rrãã-machos, no Riacho kaŷna'uba, grasnavam kré-kré para athraer dulcifluamente as rrããs-fêmeas. No leito do Riacho kaŷna'uba, as rrããs se acariciavam. No Riacho kaŷna'uba, as rrããs-machos ficavam em posições do pé, faziam estranhos empurrões com as patinhas e serpenteavam a cabeça. Ah, as patas das rrããs-machos! Ah, a cabeça das rrããs-machos! As rrããs-fêmeas tocavam dulcifluamente o dorso das rrããs-machos. As rrããs-fêmeas tocavam dulcifluamente a cabeça das rrããs-machos. As rrããs-fêmeas, tão deleitosas, depositavam os ovinhos nas poças escavadas dulcifluamente pelas rrããs-machos no leito do kaŷna'uba. Todos nós protegíamos os ovinhos das rrãã. Dia triste para todos nós do Sítio a'sênũ eram quando rrããs serviam de inguaria para coobras ou lagartos. No Sítio a'sênũ, no céu à noite ouviam-se os grasnidos das rrããs, os grasnidos despumavam nosso passado, o passado, digo, o amor das rrããs também desovava em espuma.

## COAXO

Enrredor da Capella da Telha, sempre vi, nas poças d'água, rrããs grasnando, umas trepadas nas outras, num total ousio e a mais escancarada escandilice no mundo dos anfíbios. Vi rrrrãã macho abraçando jeitosamente a rrãã fêmea, a rrãã macho encaixando bem sua protuberância (ou pernas, não sei ao certo!) na rrãã fêmea, eliminando seus gametas num átimo, germinando desproporcionalmente outras rrãã para viver nesse mundo tão epiceno. Mais tarde, aos sete anos, quando trepei pela primeira vez em cima da moça-branca, reproduzi diligentemente o que aprendi com a sem-vergonhice das rrãães, também coaxeij, digo, subvocalizei meus fonemas de prazer, e assim como fazem as rrããs, digo, também soltei gritos primais e desconhecidos até então no Sítio a'sênũ e, assim, minhas sementes saíram de mim enlouquecidas e saltaram ao menos seis metros de distância da minha protuberância e ficaram grudadas nas pedras da Capella. Copulei. Aprendi a fecundar como as rrããs. Aprendi a acasalar como as rrãã. Aprendi com as rrããs o ofício de abraçar manhosamente o dorso da moça-branca e liberar minhas sementes leitosas. Desde criança, descobri o mistério da desova das rrãã. Desde criança, sempre acreditei que a população do Sítio cresceu como cresciam as rrããs, espiando a espurcícia das rrããs, ora fazendo gentes assim como as rrããs fazem girinos, ora criando gentes assim como as rrããs protegem seus imagos, e assim, pensei, o mundo deve ter sido do mesmo jeito habitado, assim foi colonizada a Capella da Telha, e, assim, desde cedo, encavalamos gentes.

## DE CÓCORAS

O homem descendeu das rrããs. As rrããs são nosso ancestral comum. É o que penso desde que me redescobri rrãã nos ssesseenta à beira do riacho da kayna'uba. Creio em Deos Pai, mas sou rrãã, sim. Meu vô siri'akũ ouvia meu arguymêto sobre as origens do bescho-homêes, mas em silêncio me fuzilava com o olhar enqueredor. Minha vó brazil'ĩna me ouvia pacientemente, e apenas me corrigia: “visen'ĩĩnũ, não é rrãã, é ʒ'ie. O homem veio da ʒ'ie”. Vi sempre simildõos entre rrãã e as peças do Sitio a'sênu. Todas as peças eram capas-bodes e descansavam de cocras. Minha vó brazil'ĩna para evitar o precoce passamento, pulava de corda por passatempo, e, depois descansava de cocras. As rrããs do Sitio a'sênu também pulavam alto e, depois, cansadas, se agachavam com os olhos fechados. As peças cochilavam e depois faziam as necessidades longe de casa. E de cocras. As rrãã coaxavam, depois excretavam repunancias ao redor da casa. E de cocras. As peças obravam e limpavam a região com sabugos de milho ou pedras lisas. E de cocras. As rrããs mesmo com suas espichadas patas traseiras e dianteiras nunca se limpavam depois que excretavam sobras de besouros, aranhas, grilos, mosquas, pernilongos e vermes. O mundo sempre foi povoado de peças acocoradas, igualmente como as rrããs. Éramos na Capella de Telha capas-bodes de cara lisa e as rrããs asquerosas e com seus corpos lisos. Nunca entendi bem como evoluímos para termos olhos tão pequenos e remelentos e as rrããs permaneceram com seus olhos tão grandes e esbugalhados.

## GOLIAS

Meu vô siri'akũ era um homem allto para os padrões da *animaria*. Só não era mais allto que as rrãã-golias. Disse-me nos anos ssesseenta, talvez nos idos de MCMLXVI, que as rrããs do sítio a'sênũ eram trres mil vezes maiores que as baleias-corcundas que viu, quando cryamça, entre os ezpi'gõĩs da praia Iracema. V ô siri'akũ nunca me mentiu. Um dia, realmente vi uma rrãã-golias, maior que o vô siri'akũ , que me assustou, mas a filisteia tinha o único propósito de arrastar a capella do sítio a'sênũ de um canto para um recanto e formar uma pyrame. Não deu certo, nada de pyrame, mas a rrãã-golias moveu a capella. Da história das rrããs-golias nada sabia, só conhecia mesmo a de Golias, de Gate, que tinha a altura de seis cõvados e um palmo, na versão contada pela minha vô brazi'ĩna, segundo Samuel, dos dezessete em diante. Meu vô siri'akũ sabia se comonjcar com as rrãã-golias, só ele sabia conuersar com as rrããs-golias no dialécto até hoje por mim ainda não sabido, através de estranhas carícias. Tentei uma vez também demonstrar carinho anfíbio, mas a rrããã-golias escabujou e se grudou em mim, ahy respeitei o instinto raníneo da affromta. As rrããs-golias tinham *atemção* ao meu vô siri'akũ. Afinal, meu vô era mais alto que as rrãã-Golias, de certo, tinha bem mais do que seis cõvados e um palmo de altura.

## RÃS, SAPOS E PERERECAS

Meu vô siri'akũ, o mais velho morador do Sítio a'sẽnũ, na Capella da Telha, me ensinou muito sobre rrããs e sapos, e raramente falava de pererecas. Minha mãe pe'drĩna tinha medo de sapos- cururus e de cobras-pretas. Meu vô siri'akũ uma vez capturou uma rrãã e me fez pegar na sua pele fina (meu Deos, tão úmida!) e me falou de suas perninhas traseiras, o porquê dos seus longos saltos, e seus ovos, ah seus ovos, tão espumantes. Tio 'nẽũ comia as rrããs verdes e Tio vi'sentĩĩ comia as rrããs marrom-claras. Os sapos são horripilantes, de pele sempre seca e rugosa como a velha Filó, e de cor escurecida que nos confunde à noite. Sempre tão inflamados e de saltos curtos, os sapos. Na Capella da Telha, ninguém comia sapos nem os perseguia, aliás, havia uma certa reverência bufonídea aos sapos. Quando o vô siri'akũ tinha zanga e bufava, aí, sim, isso fazia todo mundo se lembrar dos sapos. Minha vó brazi'ĩĩna brincava de engolir sapos (Eca, como alguém poderia comer um bicho de olhos venenosos!). Das pererecas, aprendi muito pouco, aliás, pouco se falava, uma espécie de tabu na família, tudo porque meu tio vi'sentĩĩ havia comido uma perereca e não se casou.



## SIM-SENHOR

No Sítio a'sênũ, era mais fácil se defuntear paganos metediços do que esfolar rrããs. As rrããs eram bichinhos sagrados. Meu vô não deixava ninguém judiar bicho do chão ou bichinhos que chegassem ao mundo de cócoras. Uma vez um pagano, cujo nome era Íxion, nome de gentio não nativo do Sítio a'sênũ, se exibindo para donzelas de candeeiro, pegou uma faca e cortou a patinha de uma rrãã. Vi tudo. Pura maldade. Fui testemunha de vista. O bichinho fez um barulho estranho, ahy o bichinho ficou se contorcendo, sangrou muito, grasnou um descõhocido adjutório, e meu vô siri'akũ, que entendia a língua das rrãã, encaçapou o pagano na mesma hora. O pagano morreu da mesma forma: chorou, esperneou e levantou a perna em direção à boquua. Ssi, quando mortas por morte morrida ou siplezmente assassinadas, já sem jeito, da minha parte, me encarregava dos funerais; mas, antes, claro, fazia às vezes de zooiãtra e examinava o corpo desbotado das pobles rrãã, estudava seu cranho curto e me enfeitiçava com seus olhos sobranceiros. Aprendi a arredondar o mundo contemplando o corpo oval das rrããx. Meu olhar quebrado também aprendi arremedando as papilas marginais das rrãã. O que difere unicamente as rrãã dos paganos é o que me segredou meu vô siri'akũ: o sim-senhor.

## TITÃS

No Sítio a'sênũ, as rrããs coaxavam kré-kré, as rrããs ralavam kré-kré, as raas relavam kré-kré. As as rrããs eram meu clã. As rrããs só temiam os tiã-tiãs ou os apitãs. Ainda cedo, menino, vocalizei minhas primeiras paravõas na língua das rrãães: sabia que albarrãã curava, sabia construir um alvarrrãã para todos meus sonhos, comia, com gosto, o ferrãã e, se me entristecia, me aterrava no sarrãã só meu. Minha vó brazierlĩna entendia minha língua das rrãã e dizia assim para o vô siri'akũ: “jikũ, esse menino vai ser cucoecamecrrãã, esse menino vai representar irrãã, esse menino vai dilucidar pãitaviterrãã.” Vó siri'akũ nunca me entendeu. E assim, fui crescendo grrãã-rrãã, com sua temível juruparrãã, comendo gulosamente o marrãã (me emnojando de curimatã!) e certo de que, um dia, pelo Riacho kayna'uba, embarcaria no catamarrãã rumo a Milhã. Minha vó brazierlĩna era cristã, ermitã e guardiã. Minha vó brazierlĩna sabia tudo do reino das rrãã, me ensinava a assarapantar o mundo, me falava de Deos e satã, foi minha vó brazierlĩna que me falou do meu sangue de negro e tupã. Pelas mãos da vó brazierlĩna, que era sacritã, aprendi a pastorear o Sítio a'sênũ como antigamẽte fez tupã, também grão-rrãã, rei dos Titãs.

## PARIÇÃO

As rrããs não têm cauda, mas têm pai e mãe. Não tive pai, mas tive mãe. Nasci no brejo, no Sítio a' sênv, na manhã chuvosa, no ano de todos os perijgóós, com o grasnido da fêmea, mas sem a cantoria do macho. Nasci, então, rrãã despaternada, mas não chorei, porque rrãã sem ai, digo, sem pai, muge; não chorei, porque rrãã nascida sem pai assovia e minha vó, parteira, fez a cantoria porque minha mãe pe'drĩna coaxava de dor de partho. Minha vó brazil'ĩna, tão brasileira, tão católica, rezava para minha parição assim: “Ó Maria Santíssima, olhai para mim, dai-me a graça de ter um parto feliz! Fazei que meu bebê nasça com saúde, forte e perfeito. Eu vos prometo orientar meu filho sempre pelo caminho certo, o caminho que o vosso Filho Jesus traçou para toda a humanidade, o caminho do bem. Nossa Senhora do Bom Parto, rogai por mim!”. As mãos e os braços da vó brazil'ĩna foram o f'õksepj da minha parição. Meu pai ʒuar'ej per'ejrẽ maɔtʃ'ij não deu abraço bem apertado na mãe pe'drĩna pelas costas, e os dois não me desovaram juntos. Meu pai, de çerto, não era sapiencialmente uma rrãã macho, era um purgatório. Meu vô, sim, foi meu pay eloquente. Minha vó brazil'ĩna, sim, foi meu paay amoroso. Minha mãe pe'drĩna, sim, foi meu pere extremoso. Pois bem: as rrããzitas que nascem sem pai-rrãã misturam, desde cedo, sciências, digo, ssapiemçias e jgnorâncias, sobre o amor e o casamento, nada sabem da força d'alma na luta dos sentimentos.

## ESTIO

Na Capella da Telha, do chão de terra sempre escapam jararacas gigantes e peçonhentas e o chão é sempre impiedosamente quēete e fétido, ludreiro. O H<sub>2</sub>O tem cor de rrãã, gosto de rrãã e cheiro de rrãã. A estação seca escalda a alma dos lavoureiros, a estação seca apodrece a boquua das rrããs, ataca os pulmões dos cochichadores e os ventos fortes inflamam o céu da boquua dos violeiros. O chão quente machuca as perninhas dos répteis, mas os fungos adoram. Bem ali, ali onde é a parte mais desértica, onde a erosão parece serpēte, uma folha (presumo de πᾶπυρος), em branco, ao chão, há de denunciar o estio dos poetas da Telha, por condição, tão suados ou úmidos. Os poetas de Capella da Telha sofrem também com a erosão e têm seu período de estio. Os poetas da Telha têm febre, dores e incertezas, garatujas em tempo de calor. Há dias há uma folha jogada ao chão quente da Telha e isso provoca na humanidade a desnecessária frieza e desprezo de todos os homens. Folha ao chão para os poetas da Telha sempre quebranta o corpo por meio de seus penosos jejuns. Éramos, eu e o tio 'νευ os poetas do sítio.

## CASCÁVEIS

Vi muitos bichos sendo devorados por cascavees e insetos venenosos. E vi muitas cauãs devorando cascavees. Não tenho medo de cauãs, mas tenho muito mais medo de cascavees. Muito medo de *serpêtes*. Tenho medo do seu sibilar. Tenho medo quando a cascavees alça a cabeça. Tenho medo do seu bote. Tenho medo da chocalhada sinistra de cascavees. Tenho medo do seu faro no ninho. Tenho medo de pisar o chão seco. Tenho medo de pisar em galhos mortos. Tenho medo de pegar em folhas caídas. Tenho medo de ramos secos de arruda e mestruço. Tenho medo de dentes de cascavees. Tenho muito medo de cascavees de quatro ventas. Tenho muito medo de cascavees de rabo fino. Tenho muito medo de cascavees de vereda. Já vi uma cascavees enroscada em um touro forte, formando o colar da morte. Vi a morte de perto.

## MOSCAS

Sou excelente fisgador de peyxes e mosquas (estas, só com os olhos!). Mas devo-lhe confessar que sofro de entomofobia desde a morte do meu vô siri'akũ. Hoje, apavoro-me com um enxame de mosquas sussurrantes e, se espanejam suas asas faiscantes, isso definitivamente me aterroriza. Nem sempre foi assim. Passei minha infância vendo e me divertindo com nosso alazãao, com sua cauda avermelhada, matando mosquas bravas que o mordiam. No dia morte do vô siri'akũ, o sítio a'sẽnũ ficou coberto de luto. Formigas e mosquas cobriam seu cadáver. Com a morte do vô siri'akũ, o sítio a'sẽnũ ficou entregue às mosquas.

## ALAZÃO

liirrrr! hiin in in! Em MCMLXVIII, minha tia frēs'kīŋa(chamada carinhosamente por mim de fa'kīŋa) me deu de presēte um cavalo alazão. Era valente, alaranjado e fegoso. O alazão era meu, mas não podia montá-lo. Ficaria sempre na sua estribaria. Claro, a ordim valeu por pouco tempo. Não só desobedeci à minha tia como aprendi a montar o alazão para do alto de uma pedra contemplar o sítio, agarrado ao cabresto do árdego cavalo. Montado em meu alazão me arrastava nas campinas do sítio a 'sēŋu. Depois, aprendi a soltar rinchos como o alazão, tocar-lhe as sedosas crinas e a contemplar sua longa cauda, até aprendi a cuidar de seus cascos altos. Era bom montar o alazão, mas meu vô sirí'akū tinha medo que eu cáisse debaixo dos pés do animal, o que nunca aconteceu. Eu vivia às upas com meu alazão. Em pouco tempo, aprendi a andar em raleiro de mato e a fazer caminhos abertos. Com o tempo, aprendi a me escarranchar como um alazão na poeira do sítio e a desembestar pasto afora.

## BESOURO

O sítio a'sênũ tinha um zum-zum de regozijos e alegrias de insectos. Era povoado de bizouros, mosquas, maribondas, abelias e bespas. Eram tantos insectos que cintilavam no cééo. Um dia cheguei ao vô siri'akũ e lho confessei: abõo, quando eu crescer, quero ser um bizouro ssi parecido com uma abelia para chupar o favo de mel alilaa na boquua de ma'ria. Vô, se eu fosse um bizouro, voaria mais alto que as berbeletas e pularia feito gafanhotos de asas verde- pardacentas sobre o coraçom de ma'ria. Vô se eu fosse um bizouro bem grande adormeceria nos braços brancos de ma'ria. Vô se eu fosse um bizouro teria dentes para morder os lábios de ma'ria. Vô se eu fosse um bizouro faria zumbidos nos ouvidos de ma'ria. Vô siri'akũ, quando eu for um bizouro, e ma'ria se chegar a mim, eu não fujirei feito bizouro com medo de untanha.



## CURIMATÃS

Passei minha infância comendo curimatãs. Eram peixes amarelados e cascudos, com cheiro fétido de fundo de açuda. De sabor ruim, meu Deus, comi tantas curimatãs! Eram tantas e pontiagudas as espinhas e sua carne trazia um gosto nauseabundo de barro. Ainda assim, gostava dos meses de arribação de curimatãs. Nas tardes quentes do sítio a 'sênũ, na terra vazante, via as águas escuras do açuda fervilhando e não pensava duas vezes em, fazendo as vezes de pescador, fisgar curimatãs e piaus. Tia 'xita, irmã mais nova de minha mãe pe' drĩna, era a única que sabia tratar as curimatãs. Tinha a precisão com a faca e sabia chegar às guelras dos peixes. Todos comíamos vorazmente as curimatãs, da cabeça ao rabo, mas minha vó brazi' lĩna me dava o melhor boquado. Com o passar dos anos, olhando o lodo do açuda, decidi que não queria mais comer ou ser curimatã, também não queria ser comensal.

## PAPA-ARROZ

... entom vô Siri'aku, batizado asi no nome do Senhor Jesus Cristo, com seu jeito perversso de castyguar o múdo, o múdo da Missão Abreviada, o múdo do padre Mənu'ɛʃ ʒu'zɛ Gõ'satɔvj 'Kotu, brigou com minha mãe Pedr'ine Mə'riɛ dɛ 'Siʔvɛ por causa dos anuns, digo, gaudérios, digo, parasitos, digo, papa-arrozes, digo, vira-bostas, que devastaram o arrozaes. Minha mãe Pedr'ine disse entom para sua amijga Məri'ɛnɛ não vou mais pastorar ar-ruzz, vou s'imbora, e minha vó de nome brɛzi'tinɛ mə'riɛ dɛ kõsɛj'sɛw disse ssi que dê lo motivo e minha mãe pe'dr'ina disse não mato mais marias-pretas, digo, negrinhos, digo, pássaros-pretos, hei de agora lhegar jun-da minha tia riga da Aʔdi'ɔtɛ na Capital. Minha mãe pedr'ine disse em murmulho vou s'imbora do Sítio a'sɛnɔ e assim foi em boora sem mais preambos. Minha mãe pedr'ine disse vou ensinar meu filho visɛ'tjnu o abeçe para não pastorar corixos, digo, curixos, digo, corrixos no arrozaes. Assi, minha mãe pedr'ine foi para Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, à margem do riacho Pajeú, lá no môte Marajaitiba. E asi, caligrafei 'aʔfɛ, 'betɛ, 'gɛmɛ e 'dɛʔtɛ e aprendi o abeçe.

## CANGUÇU

Meu vô siri'akũ era um homem raramente alegre, tinha um riso espontâneo que refletia uma inspiratória melancolia. Para facécias, aí sim, vô siri'akũ era um destaboquado. Acho que Rabelais quando imaginou Gargântua, Pantagruel, Panúrgio, também inventou o vô siri'akũ, com sua elevada ssapiemçia – desculpem-me o pretuguês rroyrn! Pois sim. Certo é que o vô siri'akũ era um misantropo, sempre abatido, realmente, uma criatura de Rabelais. Mas sabia dedar o mundo, com suas facécias, com seu denso humor, por vezes, macabro. Vô siri'akũ era Gargântua, filho de Pantagruel, só não furtava os sinos das igrejas nem lapidava os campanários do sítio a'sênũ. Com as facécias do Vô siri'akũ, ouvi muito as histórias de Manoel da Bengala e os Três Comedores. Ouvi histórias de porcos raivosos, onças-pintadas rabiosas, e das temidas jararacas-da-seca, com suas manchas escuras, com seus sibilos hipnotizantes e poderes sobrenaturais. Acho que vô siri'akũ era um canguçu encantado.

## TATUPEBA

Passei minha infância, no sítio a' sêñũ, ouvindo adoletá: “Adoleta, le peti petecolá, les café com chocolá. Adoletá. Puxa o rabo do tatu, quem saiu foi tu, puxa o rabo da pa' nêua, quem saiu foi ela, puxa o rabo do pneu, quem saiu foi eu.” E vó brazi' lĩna, a gente come peba? Não, visen' tĩ, peba é bicho que vive do lodo como as formigas de roça. Vô siri' akũ não pensava assim: os pebas eram uma spiraçõ divina pois cavavam o chão com o focinho melhor do que ele armado de eixada. Com o tempo, os tatupebas foram ficando raros no sítio a' sêñũ. Vô siri' akũ, no entardecer, costumava acender fogueiras e isso afugentava meruçocas e tatupebas. Um dia capturaram uma tatu-fêmea, tipo bem amarronzada, carapaça que lembrava uma tartaruga, e de cabeça bem achatada. A tatu-fêmea tinha cheiro forte de cova e lodo. Tia 'xita foi avexadamente para a cozynna preparar o guisado, acompanhado de pirrãã. Fiquei enjoado. Não quis provar. Vô siri' akũ comeu tanto que lambeu os beiços. Juro que tentei comer a tatu- fêmea, mas empalideci, vomitei tudo, vomitei até as tripas (irra! credo! ih!). Passados tantos anos, ainda vomito com a nêbrããça da fedorêta tatu-fêmea de fulvos olhos.

## OLVIDO

O *lenbrãdo da Capella da Telha* requer muito de mim e além da conta. O *lenbrãdo da Capella da Telha* me telha, me deixa barro cozido, igualmente como faz com a rrãã. Se fecho os olhos, assim como as corujas, eis minha catástase: chegam-me os lapsos, as perdas da memória de capim-gordura. Claro, bem sei, as deslembanças são o melhor da catarse antes do espetáculo trágico, ainda a se definir por aqui. Aliás, por este fato, agora, sinto-me totalmente descarregado de mim, abandonando o barro cozido que sou; por isso, insisto em fechar os olhos e observar que quanto mais fecho os olhos na hora de lembrar mais vejo a imagem da venerável Senhora Sant'Ana e um tú'nev de luz que me aproxima de Deos. Ao mesmo tempo, estar vivo, ter a capacidade de abrir e fechar os olhos, tudo isso me causa uma estranha disforia como a de uma batalha final entre a vida e a morte. Se volto a insistir em fechar os olhos sem a sonolência do morrer, surge diante de mim uma floresta de plantas espinhosas, uma floresta povoada de anjinhos em procissão e eu sempre cavalgando uma ave fabulosa. Quando mais abro os olhos, deixo-os abertos como o Mar Cáspio, e minhas lembranças naturalmente se evaporam de mim e desumanamente me desseco, encostado no retábulo de colunas torsas da Capella da Telha.

## 4ª PARTE

### Os dias passam....

“Tenho vaga idéia que meu avô morreu num auto de fé.” (Afonso de E. Taunay, In **Chronica do tempo dos Philippes** (1910), p. 300)

## IGNOMÍNIA

Poeta é assim mesmo: anuncia a palavra, mas não insulta, jamais, as divindades e as religiões. Os poetas têm atitudes, mas seu gestos jamais alcançam as honras de sicranos ou beltranos, ainda que troianos. Os poetas insultam homens, os joões-fernandes, mas à semelhança dos mortais, morrerão de acometimentos súbitos como morrem os joões-ninguém. É assim mesmo o contrassenso dos que poetam, a poesia sem-razão.

## SEMIMORTO

Em meio a grande azáfama, teu corpo jaz no vazadouro. Parece morto. Teus olhos, esbugalhados, estão atemorizados de angústia e freima. Teu corpo semimorto expõe as sobras de vísceras do útero e dos intestinos. Tudo destroçado. Aguardamos o pronto-socorro dos fantasmas. Enquanto o socorro não chega, teu corpo semimorto gruda-se ao meu seminu, e expele fungos e bactérias, que infectam nossas semialmas semicarbonizadas de versos de pé quebrado.



## EM BRANCAS NUVENS

Às vezes, acima de nós, formam-se as brancas nuvens, aparentemente duradouras, mas, ao menor aumento da temperatura, dissipam-se, tornam-se tão percedouras e fugazes como os trovões no céu e só empulham mesmo os nefelibatas. Outras vezes, estamos imersos em negras nuvens, repletas de fumaças e poeiras, tão turbulentas como as nuvens ardentes do vulcão. Vida, amor, paixão e sexo, por vezes, passam assim, em brancas nuvens, fiéis à trágica solidão da condição humana. Deveríamos aprender mais sobre a luz, o sol, a lua, os raios e o efeito estufa para entender o litígio como expressão máxima do mútuo e derradeiro consentimento.

## AVE DE RAPINA

Escuto papocos. São tiros ao alvo. Rumores de morte. Estardalhaços incomuns. Tiros de misericórdia. Tudo ocorre num átimo dentro do meu peito carregado de sibilos de gaviões, águias, falcões e corujas. É assim que me sinto: ave de rapina, mas bem instintivo e com as vergonhas superdotadas dos homens. Carnívoro, tenho preferência por carnes brancas e por mulheres devotas. Com meus bicos recurvados e pontiagudos inclino-me a sugar os seios de sórores enclausuradas. Com minhas garras fortes sou capaz de segurar as ancas dos animais selvagens em Galápagos, no Equador. Minha visão de longo alcance já me permite dizer que meu purgatório de há muito começou com meus grandiloquentes e perversos delírios.

## TOTEM

Siá me'rie: quanto mais penso em ti, mas tenho medo de Deus. Tenho medo da minha avareza, gula, inveja, ira, luxúria, orgulho, preguiça e de seus totens. Tenho medo sobremodo de seus braços onipotentes de Deus, de suas mãos indefinidas, de seus dedos misteriosos e de suas lanças apocalípticas. Não sei quem mais me apavora, quando penso em teu corpo a animar meus instintos mais primitivos.

## AMOR SEM TEMPO

São muitas vozes. São muitos os gritos. Ouço a um só tempo o teu nome e isso me desconserta profundamente. Ouço-o e me sinto presa acuada que escuta a voz iminente do caçador. Ouço-o e me alegro feito criança livre à beira-mar. Mas tu sabes: nem és minha caça nem meu caçador. Tu és ou foste apenas meu amor. Amor que me dá ou deu o gládio em tempo de guerra, que me enche ou me encheu de vida em tempo de paz. Curioso é ouvir de outrem o teu nome que, ao nosso tempo, é tempo nenhum: siá me'rie.

## JEJUM

Uma folha em branco ao chão há de ser, por condição, úmida. Os poetas também têm seu período de estio. Os poetas têm febre, dores e incertezas, suas garatujas. Há dias esta folha ao chão e a denúncia provoca na humanidade a desnecessária frieza e desprezo de todos os homens. Folha ao chão para os poetas sempre quebranta o corpo por meio de seus penosos jejuns.

## DE TUA IMAGEM

De tua imagem, fixo-me nos teus olhos. Eles me dizem muito do teu silêncio, de como atravessará a janela para o erudito ou o popular. Eles me dizem do teu ouvir e a polifonia dos nossos ancestrais. Eles me dizem dos teus segredos inconfessáveis e do que não podes traduzir em palavras. Teus olhos bem abertos, tua boca cerrada, mas sei de um coração que se dilata e se contrai no mesmo ritmo dos mais remotos e insípidos avoengos: *mæ'rie, mæ'rie, mæ'rie...*

## DENTRO DE MIM

A tua língua dentro de mim me eleva ao misterioso reino do prazer. Por isso, segurei as tuas mãos e me fechei em misterioso sabor de te ter dentro de mim. Mas, sabes, é embaraçoso amar e ser amado assim com a tua língua dentro de mim. Por isso, fechei os olhos, abri a boca e tive, em sonho, esse misterioso calor de ti dentro de mim. Mas, Siá me'riê, me diz, o que buscavas com tua língua dentro de mim?

## BANZO

Sim, voltei a poetar com a mesma recaída dos beberrões que se embriagam por hábito, sem febre e sem dor. Voltei a poetar mas estou zozzo, atarantado de sono, cheio de contradições traiçoeiras. Agora pouco, por exemplo, voltei a engolir sapos como tira-gosto, ou, como aprendi em bom crioulo, voltei a engolir peixe pelo rabo por lídimo desgosto. Assim, os que me curtem, abram alas, porque esta tarde voltei a ter aqueles mesmos espasmos de desencantos da humanidade, com a mesmo banzo que nego, com a mesma dor dos meus ancestrais negros. Eis-me, cabalmente, siri'aku.



## OLVIDAR

Aqui no sítio a'sênu, há dias vejo a mesma folha branca no chão. Não é por descaso, ao certo. Nela, ao que tudo indica, há antigos versos brancos, mas vistos a olho nu. Durante dias, por várias vezes, calquei-a com pés exaustos e repetidamente passei por cima dos seus quatro cantos como um paquiderme faminto e cambeleante na busca de sua última ração. O que sei: nada se desenhou na folha além do vestígio de fantasma. Há de se tratar esta folha do mapa-múndi do meu olvidar chamado intransitivo amar?

## LÁSTIMA

Não estou magro. Estou triste. Não estou gordo. Estou muito triste. Não estou magoado. Sou a mágoa. Minhas dores são o meu traspasse. Não estou aflito. Sou a aflição. Minhas angústias são meu refúgio. Não estou apenas triste. Não sou sempre trístico. Não nasci morto. Nasci semimorto. Nada qualifica ou define minha lástima. É deplorável a inutilidade que sou. O que sobra é a escassez da euforia. O que me nutrem são sobras de uma disforia lastimável. Estou sem meu vô siri'akv.

## AUSÊNCIA

Meu vô siri'aku: a tua ausência não é apenas o teu corpo ausente. É minha alma sem mim, nada fazendo significado, navio perdido a bravo mar, sensação de tempestade, terremoto, fim de vida, enfim, se não encontro tua vida dentro de mim.

## URANO

Do ar, sei muito pouco: sei da aragem do sítio a'sênu, terra sáfara, no sertão cearense onde nasci, mas nada sei de química inorgânica, nitrogênio e oxigênio; dos não-metais, também não sei e pouco sei do ar que respiro; sei pouco e apenas sobre o sensório, o que vejo; vejo, daqui, os pássaros que batem suas asas sem parar, gastam sua energia, voam depressa e vão em direção ao infinito. Do ar, sei da respiração ou dos pulmões nos resultados das análises laboratoriais; da hemoglobina do oxigênio-limite no sangue já sei um pouco mais, mas pouco sei do fôlego dos que inspiram a poesia solta, dos que buscam a claridade no crepúsculo; sei, sim, de espaço aberto, sem jurisdição; refiro-me ao Sol que desaparece no horizonte, de onde se vislumbra o azul celeste e οὐράνιος (Urano) dá o ar de sua graça. Tudo isso de há muito eu sei.

## NEBLINA

Abro em Tiago e redefino minha vida com a metáfora da neblina: sou chuva miúda, névoa baixa, a librina breve e à vista desarmada. Há dias tem sido assim sem meu vô siri'aku. É a mesma sensação sem objeto, um fantasma indolente lá por dentro dos meus órgãos vitais, convertendo meu orvalho matinal em meus versos miúdos decantados, mas refrigério para a alma. Constato muitos reverbérios em minha volta e suporto a asfixia derradeira com a mais dura e tardia lição de que Deus é quem exclusivamente nos dá o tempo de vida e nos diz quando faremos isto ou aquilo. Sem Deus, realmente, a vida não tem pausa, não há trégua, o texto não vírgula, ninguém respira e ninguém conhecerá a espiritual autossuficiência humana. A vida é, pois, um sopro, dom de Deus e seu reino, sétimo céu, a eternidade ou rito de passagem. Por hora, o que tenho é um lugar para deitar e dormir, descansar e convalescer, mas sem a garantia do devir e tão fugaz é meu tempo que evoca o tempo de criança, o tempo em que ouvia, nos templos, a estranha ecolalia e o bolodório do meu vô siri'aku.

## SILÊNCIO

Estou há dias em silêncio e solitário; mas, do meu canto, vejo árvores que conversam entre si por uma rede subterrânea das artérias da natureza. Eis-me fungo, com meu lado mais obscuro, sabotando e sendo sabotado por versos brancos, livres e soltos, desembaraçados das rimas, com a mais desesperadora e indisfarçável intenção de buscar o hálito da vida.

## CONFISSÃO DE VÔ

O senhor não sabe da missa a metade. Sou templário e me abstenho de carne às quartas-feiras, especialmente a humana. Na minha cama de varas, posso lhe garantir que minha posição sempre foi a de papai e mamãe. Saiba, meu senhor, nunca sodomizei as servas de Deus e nunca jamais as escandalizei com os bizarros beijos na boca. Sou um eremita convicto desde que me desvelei cristão-velho, um missionário a serviço das graças espirituais. Aqui, entre quatro paredes, nunca permito ou permitirei a turgescência e a efervescência mundanas. Minha mulher é beguina, dedicada aos doentes e aos pobres e à clausura do lar. Minha mulher é uma camponesa longe dos feitiços das bruxas do excomungado. E assim, meu senhor, vejo o mundo através dos meus olhos amundiçados com a porcionária poeira dos meus ancestrais cavaleiros da espora dourada.

## QUEDA

Meus pés não eram tão pesados e encharcados. Não sei bem o que pode ter me acontecido, assim, en passant. Longe de vinho ou cerveja, o que tenho ingerido, vorazmente, são romances de cavalaria, mas pouco aprendi dos andantes. Lembro-me de que, por onde pisava, outrora, ainda que em terreno baixo, brotava olho d'água e alcançava, de um fôlego, o Cálice Sagrado. Sofro agora com estranhos cambalúços de guerreiro em pedaços. Há dias observo meus pés de lótus nesta terra chã. Onde estão minhas cercas, meus muros, minha armadura, minhas espadas, minhas estampas e minha fortificação? Onde? Outrora, sobre esta terra chã, era guerreiro medieval à guisa de um cavaleiro da triste figura.



## RETIRANTE

Retirei-me de tua vida e, agora, retirante, confio apenas nos meus sonhos dourados. Antes, tu eras parte do meu viver; agora teu anúncio é apenas verso lento e cansado. Retirei-me de ti, gente de coração tão pobre, e me joguei à fieza das novenas - Santo Rosário, Terço da Divina Misericórdia e Coroa de Nossa Senhora das Lágrimas. O que penso de ti já me chega incandescido e me vejo, doravante, santanário em uma longa estrada tormentosa, com peito cheio de fé, saudades e angústias. Pois é assim que me sinto retirante: altareiro com aperto de saudades. Aliás, alguém da irmandade me responde: Por que toda saudade é amarga? Por que a saudade trava a garganta da gente? Por que as saudades deixam em nós, retirantes, os grandes nós e com os olhos absortos?

## DESORGULHO

Sou preto insolente (e daí!), mas tenho o desorgulho de bicho do mato. Naturalmente, sei que o amor-próprio existe e vem de Deus, mas a imodéstia me degenera desde o ventre e meu primeiro grito primal é o do quilombo fugido. Naturalmente, raras vezes consigo a estesia própria dos poetas, mas despoeto os versos conforme as conveniências e as aligeiranças libertárias. Naturalmente, o insólito desdenha da minha fé (e a do prelado) e bons costumes são minha costumeira dedignação. Definitivamente, meu médico tem razão, meu problema não é clínico, é o ilógico que já me absorveu as entranhas ancestrais e me emburreceu a arte-maior. Eis-me, pois, definitivamente, sem jeito, troncho, despallavreado, queira, bicho de sete cabeças.

## IGNOMINIOSO

Falam-me da minha tristeza. Só uma impressão. Não sou triste, estou criança. Ao contrário, sou até ignominioso, mas o que tenho mesmo está dentro do meu olho, a solidão do Vô siri'aku. Por isso, finjo (e tão também) que, com uma folha em branco, posso compor poemas ou garatujas e estar pueril ou frívolo à luz do dia; mas, no final, com a folha, a branca, crio sempre o tosco, minha arte é tão grotesca como o estudo do meu corpo nu na linha de terra. Isso não é de hoje, minha imaturidade vem desde criança quando vivia nas nuvens. Houve um tempo, talvez, aos seis, que, conversando a fio, sozinho como um autista, ria com cachorrinhos, coelhinhos, cavalinhos, dragõezinhos, bruxinhas, e, juro, chegava a ver também rostos de homens horrendos, imperadores perversos e ditadores sodômicos e minha doce eureka da segunda infância foi a de poder enxergar com a mente o infinito. Assim, fui crescendo, em brancas nuvens, com mais poemas e menos sofrimento, inesperadamente encantado com o poder da palavra. Tenho agora muito a dizer de algumas das letícias desse tempo de solidão. O solitudo, sola beatitudo! ("Ó solidão, única felicidade").

## ALAGADO

Aqui, no sítio a'sênú, tem chovido tanto. Dilúvio - a propósito, ainda não li, por completo, Gênesis. Mas, tanta chuva... Tão logo, tão pouco, tão só, tão somente, tanta chuva, meu Deus! Chuva de molhar sala, de encharcar quarto de dormir e meu corpo nu agora já me é único e úmido. Meu de-comer, o pão dormido, desde ontem, de duro, agora, o que tenho é parte amolecida, e já me excede em cuspe. Meus olhos também apanharam tanta chuva e estão umedecidos como versos sem graça de Álvaro de Campo. Claro, aqui, na rua, tudo está muito alagado; o que tenho de potável, presentemente, virou água estagnada; e pisar o piso não é o mesmo que pisar em terra firme, é pisar chão inundado, navegar em bravo mar, sem farol, sem porto aberto. É difícil descrever o que restou de mim, naufrago: o que dizer dos meus destroços, a poesia da ruínia?

## CORPO NU

Do teu corpo nu, há muito a descrever e pouco a explicar. Teu corpo nu é ensaio de geometria, se assim posso encurtar. A descritiva, sim, a de Hades, no horizonte; a de Zeus, no vértice. Bem, antes, como um bom observador, entrecruzo olhares; e, depois, assim, em mútuo consenso, projetamos, juntos, utopias. Tenho explorado teu corpo nu, teus ângulos, áreas e volumes (os meus jamais serão explorados porque irremediavelmente atrofiados). Eu, sempre, aqui, plano  $\alpha$ ; tu, agora, aí,  $\beta\eta$ . Pois bem: tenho cautelosamente contemplado teu corpo nu, cheirado as partes pudendas; e são tão cheirosos teus pés nus!; sim, cheiro muito teu corpo nu e mudo, e experimento todas as lascívias, o sugar dos teus dois pontos, os impróprios, em busca do prazer infinito. Teu corpo, assim como experimento, na linha de terra, é uma concha com saborosos cortes e secções, a verriondez, a própria dos lúbricos. Por isso, assim, coplanado, alfa sobre beta, alfa sob beta, e buscando a precisão, a geometria da epifania. *Siá me'rie, õde?*

## ANTÔNIMOS

Tenho uma estranho gosto por antônimos. Não é de hoje, mas de trasanteontem, meu avesso, o gosto pelos contrários. De há muito sou mesmo do contra, mas também não sou exatamente o revezo nem o outro lado da moeda. Explico: é que se me visto, e bem, ainda que seguindo os medievais e seus mais rígidos padrões do induto, logo me destrajo aos olhos de outrem, como se fosse realmente um mal-apeçoado; se me perfume, exalo, sem desejar, o almíscar, o mesmo cheiro das vergonhas fétidas dos bichos; assim, estou sempre na retaguarda, desairoso, malconformado, cheio de defeitos e inconfessáveis malfeitos. Os gestos, os mais nobres ou acanhados, são vistos por outrem, especialmente os de mau-olhado, como mugangas de avarento, mesmo com a manifesta e a inoficiosa doação humanitária, julgada como sonsice de gente sovina por fulano, beltrano e sicrano. Claro, não aceito que me julguem assim, do tipo nefando, sicário e viperino; se eu fosse tudo isso, de verdade, se eu fosse perpetuamente o avesso, não teria controle sobre meus impulsos primais e meus versos livres não seriam semelhantes aos do Poeta Negro, o quietarrão simbolista, cheio de banzo, cheio de sinestésias e cumpridor das leis alheias e não as suas, as próprias.

## FERIDAS

Abro involuntariamente as mãos. Lembro-me então de minha vó lendo meu futuro e me dizendo de que seria um homem como os personagens da commedia dell'arte. Acreditei. Talvez, por isso, desde criança, conto e reconto os dedos, anotando tudo em algarismos arábicos e romanos e acreditando que viver é mesmo um lastimável algoritmo que nos quebra diariamente por dentro. Lembro-me, ainda, a lição de ciências, a da tia nos anos iniciais do ensino fundamental: polegar, indicador, dedo do meio, anelar e mindinho. A escola nada me ensinou dos gestos, mímicas primais, e me apavorou com interdições do corpo e da alma. Com o passar dos anos, e com o Outro, descobri o poder das mãos, dos dedos, da sua libidinosidade e o nascedouro dos meus pecados mortais. A primeira descoberta, na segunda infância, foi que, com os dedos da mão direita, podia sozinho me tocar e dedar o mundo. Por isso, estou farto de amor porque amar eu amei, com as minhas sedutoras mãos; amei, enfim, todas as beldades de Hollywood e, em genuflexão, supliquei imediatamente ao Senhor o perdão pelo prazer desmedido pela luxúria, pouca-vergonha e torpeza. Mais recentemente descobri que com o polegar e o indicador poderia formar um agulhão para tanger os êmulos mais contumazes ou poematizar versos de arte-menor. Com o mindinho, unido ao anular, bem sei que posso pôr o dedo na ferida.

## CALHAU

Sei lá, saudade é o pior exercício de cortar as amarras com outrem, ainda que seu amor. Se fosse gaúcho, diria que estou rebenqueado de saudade ou fastio. Me dissimulo, então, todo calhau – fazendo as vezes de poeta – mas deixar o coração assim, de pedra, alheio a ti, me fragmenta por completo, me deixa à deriva, sem rumo. O que me incomoda é a sintaxe do silêncio. A da tua mudez, a mudez dos ventos. Ao contrário, quereria tua voz de sempre, a da doida de jogar pedra na lua, a rouca a quatro ventos. Tenho, sim, o pior da calmaria: o pouco-caso. Dissimulo-me, então, agora, todo pronominal, o enclítico da vez; talvez, penso, o oblíquo no seu devido lugar me complete no que me falta; mas, assim, átono, do jeito que estou (ou sou), sem ti, deixa-me também sem mim. Difícil negar que sem ti, não sigo, não consigo seguir, sou pedra lascada. Assim, como estou, rochedo de medo e saudade, só calculo a piora: o exício de semimorto; porque morrer é, sim, não definir nada; sei lá, morrer é esperar, esperar, e lá vai pedra.



## LAGARTIXA

Não sou poeta. Não sei a técnica de escandir. Sei sobre enjambement, li alguns versos de Rimbaud, sei até encavalar, mas não aprendi a recitar. Mas, realmente, hei de confessar, meu estado é o da estesia. Tenho um estranho faro para a descoberta do verso de pé quebrado. Sinto, de longe, quando as sílabas dos versos estão fora do lugar. Também não sou cronista. Não sou, assim, tão bom de conversa como possa parecer a outrem. A propósito de outrem, o homem não é minha medida, mas bem que poderia ser encaixado, assim, digamos, lagartixa libertária. Quando me dizem que sou poeta ou cronista, rio, a epiglote explode, rio e me engasgo, soluço e me sinto engolindo lagartixa. Aliás, me enquadro no gênero das lagartixas: meus versos têm pálpebras caídas, sempre tristes, e minha cauda curta é por justa causa, a causa do autotomia, para que os críticos arbitrariamente não me enquadrem em qualquer gênero (daquele tipo, assim, íntimo), não me predem, não me prendam, não me empenhem, não me pré-datem. O que tenho (exclusivamente) e que, ao certo, interessa aos críticos é o ânus: nele, está minha história de vida, armazeno espermas e libero o que os críticos chamam cruelmente de crônicas poéticas.

## LAVRADIO

Há dias minha cabeça está no lavradio. Difícil de me compreender? Também sei. E sei que assim como estou também nada cultivo; mas, ao menos, nessa estação, é o que há de melhor em mim, do mais brando dos desvarios e das estâncias. Volto, involuntariamente, todavia, amiúde, à erosão no semiárido que nasci, com o sangue A e o fator Rh negativo. Em resumo: estou, há dias, assim, arredio, periférico, deteriorado, fragilizado; sei lá, difícil explicar, quando se está assim tão residual, tão vencido pelos córregos que acumulam dentro de mim angústias e medos que, a despeito do tempo, persistem dentro de mim, versos soltos e lastimosos. Demando, pois, assim, o novo arado e o novo amor, sei lá, disposto a escoar o melhor de mim em outrem e certo de que as sementes nem sempre caem em terra sáfara.

## ESMERIL

Uma vez escutei do meu vô siri'aku para minha minha vó brazi'lína: em mim, esta parte mais espessa e endurecida nada tem a ver com a cor da minha pele. É calosidade decorrente das dolorosas queixas por indiferenças e pouco-caso. Só teu coração há de ser o abrasão dos meus pés e das minhas mãos calejadas. Diz-me, então, meu amor, onde escondeste o esmeril?

## CABISBAIXO

Tenho andado, nos últimos dias, assim, tão cabisbaixo. Olhar de coração aflito, sem grito; olhar, infesto, para baixo; olhar, de ancião, para as coisas miúdas no chão; olhar, amiúde, para as coisas miúdas, desprezando o graúdo. Sei que esse amargor não é hoje: nasci baixo, no baixio e os meus ancestrais, na pior desgraceira, com cara de baixaria; e, assim, de tão faminto e magro fiz do meu tórax magro e faminto o rochedo magro e faminto da resistência. Agora, é-me insistente essa cabeça baixa, tão triste, tão envergonhado, até mesmo me nego ao velho toque genital e me recuso a sentir o velho orgasmo de velho; orgasmo longe de mim, nem mental nem com esforço patriprotestal. Assim, essa confissão assim não tem nada de poesia nem estesia, é autobiografia, é evocação desoladora das minhas vazantes, das angústias de infância que se empoçaram, com precisão, dentro do miocárdio. Assim, insistentemente cabisbaixo, olhando pro chão, pro papel em branco no chão, o rodeio para dizer do abandono, aqui, no chão. Estou cabisbaixo como os bichos rasteiros, rasteiro como caramujo, com seu ascoroso corpo mole, concha dura ascorosa; cabisbaixo como os cabiúnas. Estou, sim. Sim, eu já disse, estou assim. Estou com saudade de mãe pi' drine, vô siri'aku, vô brazi'lina e siá me'rië. Mas, õde?

## SOÇOBRO

Dedei muita gente. Dedei o mundo. Dedei, mas nunca dedurei ninguém. Dedei gente importante, hoje, fóssil, corpus delicti, e gentio. Dedei gente telúrica, agora moura, louca varrida; chucheí seios opulentos e aprendi, com a seiva bruta dos seios chuchados, a separar os metais dos minerais. Dedei corpos opulentos, mas corpos organizados, fósseis (como tirar leite de vaca morta?); corpos lindos e opulentos, mas corpos que me lesaram com seu habeas corpus. Devorei sobremaneira corpos opulentos, ad corpus, mas permanecem, hoje, primitivos, brutos, obtusos. Há de ser por tudo isso meu corpus alienum, esse jeito de ver a vida como soçobro?

## QUASE

Cazy o quê, columi? Foi assim que vô siri'aku reagiu quando falei das hemorragias de sinhá łusi'ene. Disse ao vô siri'aku que tinha visto sia łusi'ene, amiga de minha mãe pi'drine, muito doente, cassy sem vida, cercada por beatas, cazy na hora da morte. Sá łusi'ene sofria de há muito com dolorosas hemorragias. Falei tudo isso para meu vô siri'aku. Ele rugiu: cazy o quê, culumim? Insisti: vô, vi sinhara łusi'ene caje morta, vi os anjos do céu também em prantos, a vida caisi fugindo de łusi'ene. Caijo o quê, curumim? Não insisti mais. Silenciei. Vô siri'aku me olhou de soslaio e foi me explicar o descaminho de palavra acaijo na vida e nos sermões, me explicou que a palavra caise não existia na vida e nos sermões porque não significava nada. Acaise, colomim, admoestava meu vô siri'aku, não diz nada, não serve para nada, só serve para entoar ěfamias e mintiras, e esconder a desonhorra. Por causa de que, curumi? Por causa de que, culumim? Tartamudeei, procurei ar e respondi: meu vô, oontẽ, sonhei com sá łusi'ene, sonhei que ela ia morrer, sonhei que o céu ia desfolhar um rosal sobre o túmulo de sá łusi'ene, um rosal aquaijo fagueiro. Vô siri'aku chorou.

## AFOGADO

Não havia ainda completado meus cinco anos de idade. No final de tarde, fui espiar as cobras bebendo água à beira do açuda, no sítio Aceno. Nunca vi o insólito, mas naquela tarde ouvi uma estranha voz, a uozes de corupîra, a uox ordenou que entrasse no açuda sozinho, entom obedeci e a água deu no umbrigo. Caí num buraco, meu corpo afundou e me afoguei nas águas doces do açuda. Vi como a morte é silenciosa, estuosa e quente. Minha vó brēzi'line, por muitas vezes, me avisou do perijóós do açuda: visē'tiju, não entra sozinho nessas águas, tem burato, tem lameyro, vossancé escorrega e morre. Teimei. Antes de me afogar, ainda deu tempo ver uma fumaça tênue no céu e ver a folhagẽ seca às margens do açuda; mas foi curypyran que me mandou nadar, sem saber, sobre as águas doces do açuda, me puxou para baixo e me fez engolir água doce sem parar. Não espirrei nem gritei. Fiquei em silêncio e sem luta. De repente, caipora me resgatou do fundo do açuda e falou em tom grosseirão: eu ño disse, visē'tiju! Vossancê é muito desobedeête! Era minha vó brēzi'line, minha salvavida. Fora d'água, sorri, mas minha vó me chacoalhou, apertou as minhas bochechas, me abraçou e me deu o mais blãdo puxão de orelha da vida.

## CHORO

Depois de uma semana de febre e de combate com a morte, minha vó entregou a alma ao Criador. Notícia tão tristis. Minha mãe gritou de tristiza e disse non, nõ, nã, nam e naõ e chorou moito. A morte da minha vó fechou minha mãe por dentro, e piorou seu çellenço, ficou ainda mais calada e só nos falava da saudade pungintes. Também nunca, ãte, vi minha mãe desensimesmada. Minha mãe ficou ainda mais sisuda. Durante dias, ouvi gritos abafados, ouvi gritos de desespero e sufrimento da minha mãe. Minha mãe não quis mais o de-comer e não dormiu direito. Três noites, e dois dias.... e só ouvi minha mãe churar munto. Atirei-me, trjste, no canto da sala e chorei mouito também. No terceiro dia do passamento da minha vó, fiquei no canto da sala como folha seca. Também sequei. Minha mãe chorou tanto, amgostiada, e seu choro me encheu de desuaro. Minha mãe chorou muyto, e cansou e as lágrimas da minha mãe umedeceram a terra sáfara do sítio e'senu.



## SANGUE ESCURO

Estou só e com um grande corte no rosto. Sofri duro golpe e minhas boas lembranças daquela paixão irracional, de tão sombrias, já me são todas esquecíveis. Insisto: estou só, triste e garanto que não estou magérrimo. Estou só, mas embuchado de saudades. Insisto: minha solidão é a de quem sofre uma canivetada. Escorre, intermitente, do meu rosto, sangue escuro e a saliva da boca acre tem o mesmo sabor do sangue escuro. Minha solidão é a mesma do banzo do negro perdido em bravo mar e o sangue que escorre, intermitente, do meu rosto, sempre escuro, expõe minhas cicatrizes e me deixa, no amor à primeira vista, em suspeição desigual entre os genuinamente iguais.

## SOMBRAS

Não vi meu vô siri'akũ morto. As notícias me chegaram bem depois do transpasse; por muitos meses, senti o cheiro do vô siri'akũ e vi sua sombra esparzida pela casa no sítio a'sênũ. Anos depois de sua morte, continuei a ver a sombra do vô siri'akũ presa aos troncos dos arvoredos carregados por caiporas. Minha vô brazi'lĩna me contou tudo: a infartação chegou à tarde, o crepúsculo desceu sobre a montanha do sítio e as rãs entoaram um estranho cântico da noite. No dia da libitina, minha vó brazi'lĩna rezou a ave-maria. Agora, depois de tantos anos, a sombra do vô siri'akũ me causa um profundo doilo e torna mais cristalino meu pranto, minha soidade.



## SOBRE O AUTOR

### Vicente de Paula da Silva Martins

Nascido, em 1961, no Sítio Aceno, distrito de Alencar, Iguatu, Ceará. Filho de Pedrina Maria da Silva Martins, lavadeira, e de Juarez Pereira Maria, militar, falecidos. Seus avós paternos: João Pereira Martins, agricultor, e Francisca Silva Martins, doméstica, falecidos. Seus avós maternos: Francisco Ciriaco da Silva, telheiro, e Brasilina Maria da Conceição, parteira, falecidos. Segundo Ciriaco, o avô mais próximo do autor, foram os índios Quixelôs, da raça tapuia, que soldaram as palavras indígenas *ig* ou *i* (água) e *catu* (bom, boa) e criaram o topônimo Iguatu com significado rio bom ou água boa. Vó Brasilina, por sua vez, ensinou-lhe tudo sobre a denominação original do Iguatu: o primeiro topônimo foi Venda, depois Sítio Telha, Capela da Telha, Matriz da Telha, Povoação da Telha, Missão da Telha, até que, em 1883, passou a ser denominado simplesmente de Iguatu. Sua prosa poética, de sabor telúrico, traz pedaços da ortografia dos séculos XIV para piorar a compreensão do texto e, para melhor desconhecer o *sermo ruralis*, e causar, assim, intencionais mal-entendidos no leitor. Sua prosa revela cantos furiosos de rãs que lembram mais aos grasnidos de patos. Na sua fase adulta, fica clara sua oposição ao racionalismo cartesiano desde que se tornou leitor do poeta Manoel de Barros e do contista José J. Veiga. De Barros, aprendeu que “Todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspe a distância servem para poesia.” De Veiga, aprendeu que escrever por escrever é a mais eficiente válvula de escape emocional ou um caminho para se apoderar de um lugar de abstração das questões que rodeiam os homens de carne e osso, desde a tenra idade.

Sou entusiasta de sua excelente prosa,  
que me transporta para um mundo  
mítico.

José Leite Jr, poeta, professor da UFC

Poesia grave, madura, com algo de  
metafísico “a la Donne” (e Pessoa...).

João Manuel Simões, da Academia  
Paranaense de Letras

Poemas bem escritos. Revelam talento e  
fluência de poeta verdadeiro.

Márcio Catunda, diplomata

